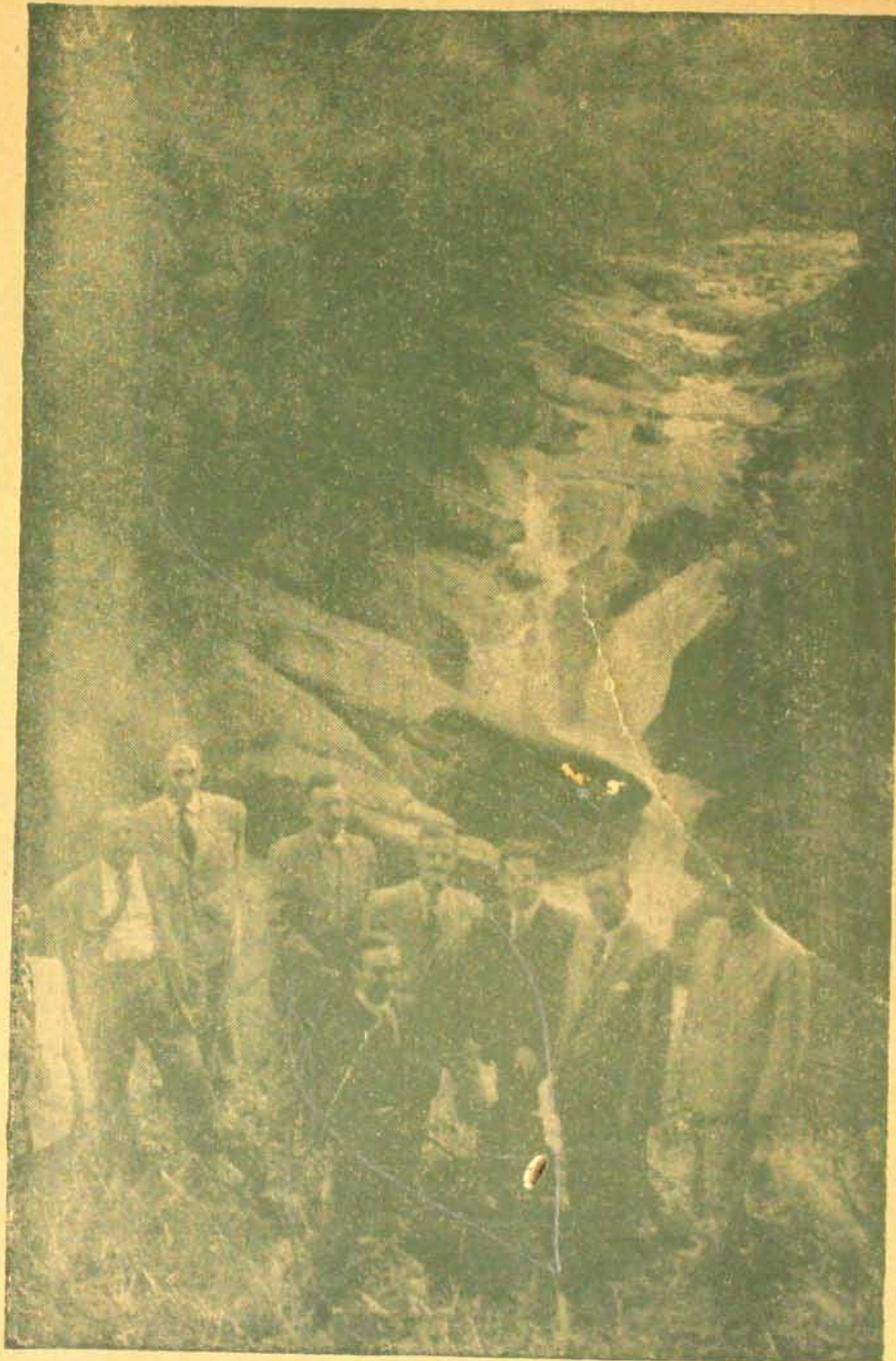


São dos Santos Areão
Rua Joinvi

Atualidades

21358



Vereadores na Cachoeira dos Pilões

1948

Ns. 6

- FLORIANÓPOLIS

- Junho

CR\$ 1,50

ARP & CIA. FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, Nº. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"
"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"
"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCENDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS
SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES
RUA TRAJANO, Nº. 33 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE
COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"
COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

USINAS EM SABARA E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados!

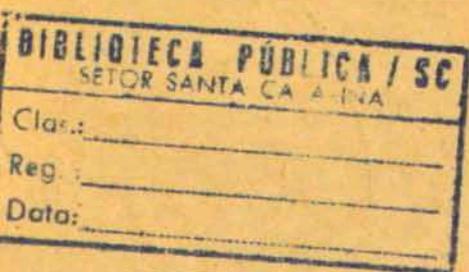
SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA!

Peçam informações a

H. G. MOLENDIA

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.352

FLORIANÓPOLIS



Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

Sôbre a encosta do môrro

Enquanto a cidade, mergulhada na escuridão de uma noite sem lua, repousava, tranqüila, envolta no silêncio, lá se ia êle, o guarda-noturno, a passos vagarosos, sob a chuva miúda que caía — com o seu apito e a sua lanterna elétrica, pela Avenida Mauro Ramos...

De quando em vez, êle olhava — mesmo sem nada vêr — lá para cima, para o Môrro da Caixa d'Agua, onde ficára o seu casêbre de madeira e dentro dêle, nêssa noite, um filhinho doente.

E êle vae caminhando, projetando pela avenida a fóra, o facho luminoso da lanterna e ferindo o silêncio da noite com o som do seu apito. E vae pensando, em como estaria o pequeno, áquela hora... Estaria melhor? Teria piorado?...

Chega, finalmente, ao término da avenida escura. O relógio da Catedral bate meia-noite. É a hora em que os guardas costumam ir tomar um café no Mercado. E para lá se dirige êle. Ao passar, porém, defronte a uma casa, alguém, da porta o chama. Êle atende, solícito. Pedem-lhe procurar, urgente, um médico; havia uma creança gravemente enferma. E êle sae, a correr, para voltar, momentos depois, com um facultativo. O que se passou, então, dentro da casa, foi rápido, até a colocação da creança, gemendo, no automóvel. E rumam para o Hospital. O médico a opêra, salvando-a de uma morte certa.

.....
O rosicler da aurora, que despontava, banhava a baía-norte com os seus reflêxos violáceos.

Volta êle, então, passo a passo, fumando o último cigarro que lhe sobrara da noite de vigília, para o morro.

Vencendo um sinuoso caminho, lá se vae êle, o pobre guarda, morro acima, cansado e sonolento...

Aproxima-se do casêbre. Divisa, nêsse momento, silhuêtas humanas, que entram e saem. Algo de diferente se estaria passando no seu lar. Apressa os passos. Já não anda: corre! E, por fim, chega. Entra. Na pequenina e rústica sala de entrada — apoiada sôbre duas cadeiras, estava uma folha de porta, a porta da cozinha — e em cima dêla, entre quatro vélas acêsas, o filhinho morto! Sim, o filhinho, o seu único filhinho, que morrêra, justamente quando êle, no cumprimento do dever, socorria, e mesmo salvava, o filhinho de outrem!...

Ao lado do corpo desgrenhada, a chorar amargamente, com o rosto entre as mãos gélidas, estava êla, a mãezinha inconsolável.

Uma lágrima, apenas, róla, nêsse instante, dos ólhos tristes e cansados do velho guarda! Lágrima que lhe diz, na sua linguagem sentimental e muda:

— “Teu filhinho morreu, meu amigo! Mas, não desespêres! Enquanto êle expirava, nos braços de sua mãezinha, tu salvavas a vida de outra creança — cumprindo o teu nobre dever!”

E a lágrima, que assim falou ao homem, tombou, por suas faces abaixo, caindo sôbre o corpo frio do filhinho morto!...

Lágrima que significava: dôr e saudade — mas, em compensação, o sentimento do dever cumprido!

Louival Almeida

Florianópolis, Maio 1948

O PÃO NOSSO

Homem, come o teu pão,
O pão do teu suór,
Melhor, muito melhor
Que o pão de outro país.
Cultiva a tua terra,
Desde o sopé da serra
Aos alcantis.
Segura a tua mão,
Ao leme da charrúa,
Abre o peito do chão
Em chaga viva e núa.
Faze dêsse quartel
De gleba palpitante,
Teu verdadeiro lar,
Celeiro transbordante,
Extenso e lindo mar,
De verdura sadia . . .
Desperta, pois, que o dia
É teu; e o sol de amanhã
Beijará teu trigal,
Seára sem rival
Lourejando louçã.
Faze o milagre velho
Do Evangelho,
Multiplicando o pão.
O paraíso se faz
De um coração,
De um galho,
De simples ninho
Aonde o passarinho
Vive em paz
No agasalho
Que produziu a custo,
Transformando o arbusto,
Empobrecido e feio,
Em vivenda ideal,
Em opulento seio,
Em palácio real!
Faze êsse milagre, pois,
Com o teu esforço,
Atrelando os teus bois
Ao teu arado
Para rasgar o dorso
Do teu prado
Improdutivo e rude.
Faz do charco imundo

Onde a maleita impéra,
A tua primavera
De saúde.
E o teu casal, então,
Lá no sopé da serra
Que verdeja,
Prometerá teu pão,
O pão que vem da terra
E que loureja
Á luz do sol amigo
Que amadurece e beija
A seára do teu trigo.
Adorna
O teu rincão
Que a oficina virá
Cantar sua canção
De bigorna,
Forjando a chave
De tua aldeia
E que ha de abrir
Essa colmeia
Do porvir . . .
Planta e terás
Teu paraíso feito
E então, depois, verás
Se transformar teu eito
Em mais ativa tenda
De trabalho sadio:
A escola surgirá
A se espelhar no rio
Que atravessa a fazendã.
E o templo
Semeador da fé,
Se erguerá de pé
Dando o exemplo
De como exsurge
De rúde herdade
Uma cidade.
Eis a semente! — Urge
Fazê-la vigorar.
Do ariete — mão
E da vontade — alma,
Faze o milagre
Do teu chão,
Da tua glória
Do teu destino:

Canta o teu hino
De vitória! —
* * *
Homem, come o teu pão,
O pão do teu trabalho,
Feito por tua mão
E que viste nascer
Como fio de verdura,
E que viste crescer
Na terra amiga
Até à loura espiga
Que se abriu de madura;
Que levaste depois
Ao passo dos teus bois
As mós do teu moinho,
Para te dar o sangue
Rubro como o vinho,
E te dar o vigor
Necessário e capaz
De te fazer feliz
Na doce paz
Do teu trabalho.
Grande e feliz é o povo
Que vê no malho
E na charrúa,
Ideal sublime e novo
De progresso eficaz,
Sem que destrúa
O que êle próprio faz
Para ser grande e belo
E que a guerra destróe
Com o seu martelo
E o seu heróe!
* * *

Homem, come o teu pão,
Enche de vinho o cantil
E bebe à tua alegria
Resando a tua oração:
—Pão nosso de cada dia,
Sangue do meu coração
E carne do meu Brasil,
—Sê hostia do nosso altar,
Sê suprema maravilha,
Grandesa do nosso lar
E paz da nossa família!

Antenor Moraes

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.
TÔNICO CAPILAR
POR EXCELÊNCIA

À nossa gloriosa Marinha de Guerra no dia maior de sua História

Dedicada ao Exmo. Sr. Almirante ANTÃO ALVARES BARATA, digníssimo Comandante do 5º DISTRITO NAVAL.

A Marinha de guerra do Brasil é uma instituição militar que honra, engrandece e dignifica a Pátria.

O seu passado glorioso nos enche de ufanía e exalta justificadamente o nosso orgulho cívico, porque nenhuma nação do continente americano e nem todas do velho mundo, possuem marinha de guerra com uma tradição honrosa e dignificante como a nossa mui querida e valorosa marinha nacional.

Desde os primórdios da nacionalidade vem o Brasil registrando feitos extraordinários, eloqüentes de patriotismo, praticados pelos seus valentes soldados do mar.

O elevado sentimento nativista dos brasileiros, no sentido da emancipação da Pátria, não se manifestou veemente, extuante de ardor, apenas na alma de patrióta do homem do campo ou da lavoura, das minas ou das bandeiras; êle se expandiu também, esplendente de civismo, da alma de nobreza do homem do mar.

A História evidencia feitos memoráveis dos que expulsaram do território pátrio os franceses de Villegaignon e os holandeses de Maurício de Nassau e Sigismundo van Schoppe; entretanto, destemido como Arariboia ou Tibiriçá, valoroso e intrépido como Henrique Dias, Felipe Camarão ou Vidal Negreiros, o foi também o denodado capitão do mar João Antônio de Oliveira Botas, herói da Independência, valoroso defensor da invicta Itaparica, o qual, de simples marinheiro-patrióta, foi elevado a 1º Tenente da Armada, por decreto do governo imperial, e alcançou, pelos relevantes serviços prestados à Pátria, o alto posto de chefe de Divisão. Êle bem poderia figurar ao lado de Barroso e Tamandaré, como símbolo de nossa gloriosa marinha de guerra, porque foi "o impetérto guia dos primeiros madeiros da verdadeira, genuína marinha nacional".

João Antônio de Oliveira Botas, bravo e lendário, indómito patrióta, embora arvorado a prin-

cípio, foi, verdadeiramente, o primeiro chefe de esquadra nascido no Brasil.

Reunindo setecentos e poucos destemidos homens do mar, pescadores e jangadeiros, equipando e armando uma esquadilha de pequenos e ligeiros barcos, enfrentou ousadamente, desmantelou e afugentou em 30 de abril de 1823, a poderosa frota do orgulhoso almirante português João Felix Pereira de Campos, tal como outróra o valente Temístocles, na célebre batalha de Salamina, desbaratou a poderosa e aguerrida armada do arrogante Xerxes.

Ousado e valoroso patrióta da campanha da Independência, Oliveira Botas foi o heróe singular do combate naval das Amoreiras, que teve por teatro de operações as aguas do recôncavo baiano, e da Campanha Cisplatina, nas águas correntes do Prata ou nos mares agitados do Atlântico.

Conforme nos relata o erudito historiador Comandante Lucas A. Boiteux, em a sua valiosa obra "A tática nas campanhas navais nacionais", o Tenente Botas "velava com a sua flotilha, enquanto os outros baianos patriotas vigiavam atentos, pela boca das peças, os menores movimentos do inimigo".

Depois, conquistada a nossa maioria política, vimos a eficiente organização de nossa marinha de guerra, cuja aguerrida esquadra sob o comando em chefe do experimentado Lord Alexandre Cochrane, almirante estrangeiro a serviço do Brasil, mas já composta na sua quasi totalidade por oficiais e marujos nacionais, castigar severamente a poderosa esquadra portuguesa que a 2 de Julho de 1823, teimava em permanecer acintosamente no pôrto da Bahia de Todos os Santos, campanha que teve por epílogo a ação destemerosa do bravo comandante Taylor, com a sua veloz fragata, cujo cruzeiro representou "uma das belíssimas páginas da história de nossa marinha à vela", pois terminada a refréga no pôrto da Bahia, saiu a inquietar e a desmoralizar o inimigo, afundando ou

aprisionando alguns dos seus navios, quando de sua fuga desordenada, indo á perseguição da esquadra portugueza até á embocadura do Tejo. Tomou parte nessa arrojada façanha, como official da fragata "Niterói", o não menos denodado marujo Joaquim Marques Lisboa, futuro marquês de Tamandaré e patrono de nossa valorosa marinha de guerra.

Mais tarde, em 1826, uma divisão de nossa marinha de guerra, sob o comando do vice-almirante Rodrigo Lobo, põe em fuga, depois de severo castigo, nos combates de Corales, a esquadra argentina do almirante Brown.

No ano seguinte, uma esquadra comandada pelo não menos intrépido almirante James Norton, derrotada, no encarniçado combate de Santiago, a esquadra argentina do mesmo almirante, o qual obedecendo a rigorosas instruções do seu govêrno, se propositava enfraquecer a unidade política e embaraçar o invejável progresso econômico do Brasil, depredando e inutilizando a nossa marinha mercante.

É essa gloriosa marinha de guerra que, ainda nas águas do Prata, na memorável passagem do Tonelero, efetivada a 17 de Dezembro de 1851, em que o Brasil se viu obrigado a combater o despotico e ambicioso govêrno de Manoel Rosas e a refrear as suas manifestações expansionistas, — demonstrou ~~quão~~ valentes e destemerosos são os seus soldados do mar, fazendo silenciar as centenas de bocas de fogo e os mosquetes de infantaria postados pelo exército argentino por detrás dos barrancos do Acevedo, e conduzindo as tropas brasileiras rio acima, até ao ponto de concentração, onde iam compôr o Exército Aliado que haveria de derribar a tirania de Rosas e congregar, por uma paz e união duradouras, as nações argentina e brasileira.

Mas o feito mais extraordinário, mais edificante e glorioso operado por nossa marinha de guerra do passado, foi incontestavelmente a formidável batalha que se desenrolou a 11 de Junho de 1865, nas águas do Riachuelo.

O grandioso e memorável feito do intrépido almirante Barroso e seus valentes comandados, não foi absolutamente inferior ao do almirante Nelson na batalha de Trafalgar, contra as armadas combinadas da França e da Espanha.

Não faltou ao valoroso almirante nascido em Portugal, mas criado e educado no Brasil, onde formou o espirito, moldando-o nos exemplos de probidade, honestidade, valor, patriotismo e bravura dos nossos maiores, nenhuma das qualidades e virtudes de que o bravo almirante inglês se revelará possuidor; como também não faltaram aos officiais e marujos brasileiros sob o seu comando, aqueles nobres e honrados sentimentos e predicados que tornaram sempre os nossos soldados de mar e terra, de todos os tempos, dignos e merecedores do orgulhoso reconhecimento da Pátria.

"Os feitos dos que se empenharam na batalha do Riachuelo", consoante o abalitado conceito do historiador Prado Maia, — "desde o chefe ao menos graduado dos tripulantes, constitue exemplo e padrão de orgulho para as gerações que se sucedem".

Ao entardecer de 11 de Junho de 1865, eis que surge majestosa no Panteão da Glória, saudada por festivos hinos de vitória, a imagem sublime da Pátria.

Não hesiteis em acreditar, porque a Pátria que se faz simbolo por meio do auri-verde ceruleo pano recamado de estrelas de sua bandeira, também se corporifica, tomando a fórma de linda mulher, com expressão bem representativa de mãe sublime e amorosa.

Ela fôra ao Panteão da glória inscrever no grande livro da História, que ali se encontra, à sua entrada, e onde são registrados em letras de ouro os nomes e as nobilitantes ações dos nossos maiores, os nomes de três filhos dilétos, os quais se haviam tornado naquele dia, dignos e merecedores das suas bênçãos e do seu reconhecimento.

Eram eles: Capitão de infantaria do Exército

(Conclue na penúltima página)

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD
RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casimiras - Tropicais - Linhos - Brims
e Sedas. - Confeções finas para homens,
senhoras e crianças.

TAPEIES E CONGOLEUNS,
Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimpic",
"Airmec" e RCA Radiola
VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA
CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro



Gal.
Eurico
Gaspar
Dutra

Póde dizer-se, sem medo de êrro, que o Presidente Eurico Dutra, no cenário político do Brasil, constituiu um caso singular. Oriundo de uma das mais recônditas unidades da Federação Brasileira, e sem grandes recursos materiais, fez, no Exército Nacional, uma das carreiras mais brilhantes que um oficial pode fazer, — não obstante, ainda, sua modestia pessoal, seu gênio retraído e sua simplicidade de maneiras; e dos postos de comando menos proeminentes, até a cátedra ministerial da guerra, que êle exerceu por uma década, vencendo os períodos difíceis com admirável coragem e serenidade, revelou sempre os mesmos traços marcantes de seu caráter: magnanimidade, equilíbrio, bondade, energia, desprendimento, espírito de justiça, elevada consciência moral e inexcedível patriotismo. Chamado, depois, pelas forças preponderantes da política nacional a candidatar-se à Presidência da República, seu amor e seu devotamento, à causa pública não lhe permitiram negar-se a prestar ao país mais um grande serviço. E em pleito memorável, em que se lhe opunha um nome de indiscutível valor, o do Brigadeiro Eduardo Gomes, obteve verdadeira consagração eleitoral, vencendo por maioria absoluta. Assumindo, final a Presidência da República, em uma quadra agitada de transição nacional, em que o Brasil, depauperado pelos efeitos da guerra, que afligiram quase tôdas as nações do mundo, definhava-se aos poucos, — foi uma autêntica revelação. Mantendo-se equidistante e acima das competições dos partidos; encarando de frente as dificuldades que se lhe apresentavam; resolvendo os problemas de acôrdo com um critério impessoal e superior e em obediência ao postulado — “o maior bem para o maior número”; golpeando a fundo o monstro que nos ameaçava — a inflação — e debilitando-o, a ponto de quase o aniquilar; governando com imparcialidade e elevação patriótica, — o Presidente Eurico Dutra já se fez credor da consagração de todos os brasileiros.

É por isso que seu aniversário natalício, que teve lugar a 18 de maio último, constituiu motivo de rara significação afetiva para os que vivem à sombra do auri-verde pendão.

Nós, os de “Atualidades”, tal como êles, associamo-nos nas homenagens que lhe foram prestadas, e auguramos ao Presidente longa vida, saúde perfeita e paz de espírito, afim de que prossiga e conclua sua obra em pról da grandeza da Pátria e do bem estar de nossa gente.

SRA. ADERBAL RAMOS DA SILVA



A esposa do Governador Aderbal Ramos da Silva, sra. Ruth Hoepcke da Silva, distingue-se por inúmeras virtudes que lhe ornaram a personalidade: distinção, nobreza de atitude, simplicidade, naturalidade, simpatia, ilustração e bondade, qualidades que lhe ressaltam ainda mais a sobria elegância do porte e os finos e harmoniosos traços fisionômicos.

Não só por isso, mas também, e principalmente, porque seu espírito de solidariedade humana a coloca sempre à frente de obras de filantropia, e às ocultas, "sem que a mão direita saiba o que faz a esquerda" pratica a verdadeira caridade cristã, — não só por isso, frisamos, ela se tornou como que a personificação da mulher catarinense e se fez merecedora da estima sincera do povo desta parte do Brasil.

Seu aniversário natalício, portanto, que teve lugar em 11 de maio, foi efeméride grata ao coração de nossa gente, e serviu de ensejo para que todos lhe testemunhassem a imensa estima que lhe consagram. De seu lar venturoso, ao lado de seu ilustre esposo e de suas lindas filhinhas, D. Ruth Hoepcke da Silva pôde colher, sob a forma de bênçãos divinas, os eflúvios das preces anônimas que, por gratidão, lhe dirigiu a legião de pobres, de humildes, que ela assistiu e cujas aflições minorou.

"Atualidades" felicita-a também, muito sincera e afetuosamente.

GENÉSIO MIRANDA LINS

No dia 15 de maio último, o Sr. Genésio Miranda Lins, Diretor Superintendente do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A. (INCO), completou trinta anos de profissão.

A vida de Genésio Miranda Lins serve muito bem de estímulo à mocidade barriga-verde. Da escola, só fez ganhar mesmo o Grupo Escolar "Victor Meireles", de Itajaí, sua cidade natal, onde fez o curso primário. Sendo órfão de pai e desejando auxiliar a sua boa mãe, que o sustentava com sacrifício e a mais dois irmãos, foi Genésio trabalhar como auxiliar de tipógrafo no jornal O FAROL, de propriedade de seu tio Joca Miranda.

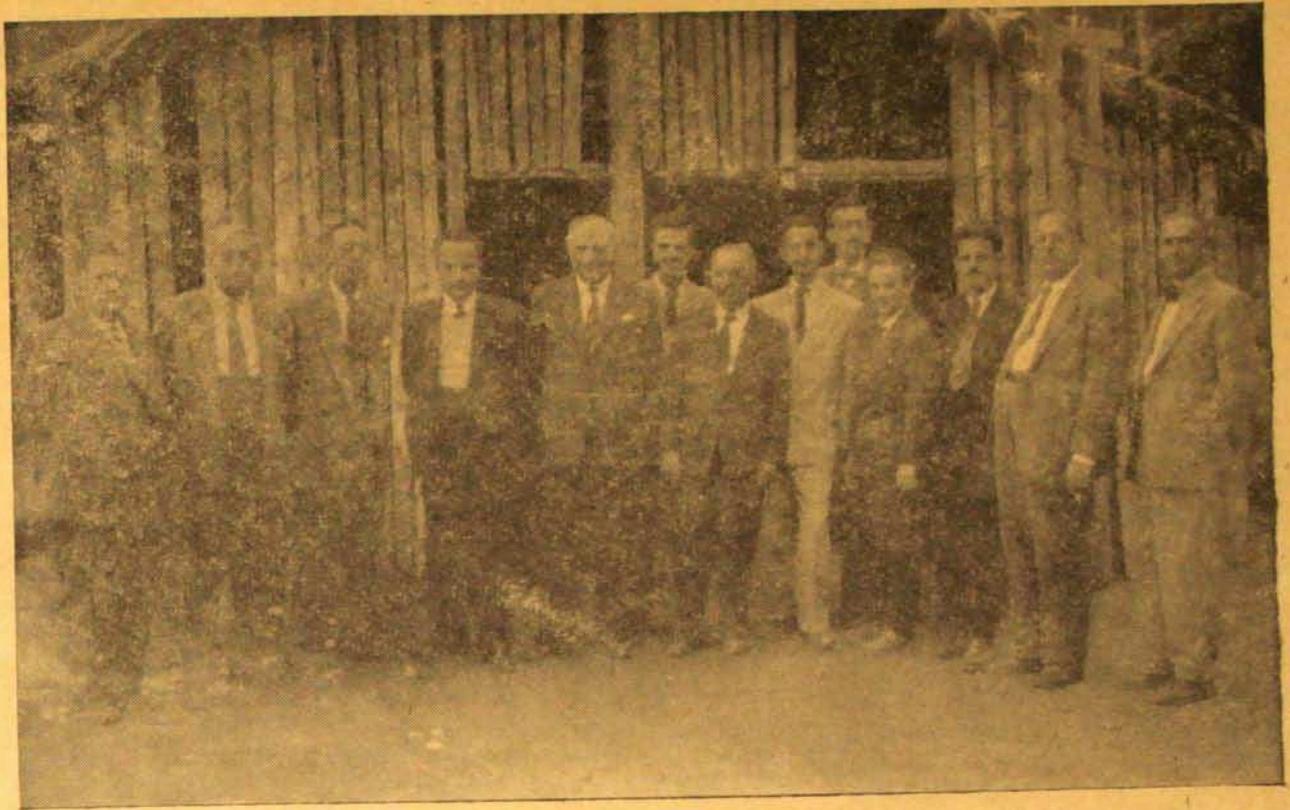
Quase ao entrar nas quinze primaveras, empregou-se no Banco



Sr. Genésio Miranda Lins

Nacional do Comércio como encarregado de limpeza do escritório. Dotado de inteligência e querendo vencer na vida, após perlustrar todas as graduações do quadro, aos 21 anos de idade, galga o alto posto de Gerente daquela filial de Itajaí. Conduziu-se com tal habilidade nessa exigente função que um grupo de capitalistas catarinenses foi buscá-lo para organizar e dirigir o então nascente Banco INCO, cujo desenvolvimento extraordinário leva atualmente bem longe o prestígio da inteligência e da força econômica de Santa Catarina.

O Sr. Genésio Miranda Lins é um auto-didata. Apesar de ligeiramente gago, sabe empolgar a assistência quando improvisa para agradecer uma homenagem, para prestar contas de sua gestão ou para ventilar assuntos de ordem econômica ou financeira. Não sendo político na acepção do termo, aceitou o mandato popular de seus conterrâneos para representá-lo no Conselho Municipal de Itajaí. É um grande animador das cousas do espírito. Tem estimulado as iniciativas culturais. A nossa própria Revista sempre contou com o seu decidido apoio. Assim sendo, ATUALIDADES sente-se jubilosa por ter a oportunidade de se referir a sua ilustre personalidade e ao mesmo tempo por saudá-lo à passagem de seus fecundos e edificantes trinta anos de profissão.



Flagrantes da visita às obras de abastecimento de água

Vereadores udenistas e pesse-distas, vendo-se ao centro o presidente da Câmara jornalista Batista Pereira

O jornalista Batista Pereira, presidente da Câmara Municipal, ladeado pelos líderes João Bonnassis, do P. S. D. e Gercino Silva, da U. D. N.

Serviço de terraplanagem para construção do Reservatório 2, do Estreito



TRÁGICA NOITE DE SÃO JOÃO

Noite fria e bela a de São João!...
E para aquele moço, ela lhe trazia
uma trágica recordação.

Pois, fôra, nesse dia glorificado
e festejado pela Igreja e pelos ho-
mens, que José, assim se chama a
figura central dessa história, come-
tera, há dez anos passados o maior
e o mais infame dos delitos huma-
nos.

...

Bem cedo, quando a vida lhe
despertava com os seus risos e suas
desgraças, perdera êle o pai, homem
rude, mas acostumado ao trabalho
estafante na luta pela manutenção
da família.

Órfão de pai, sua velha mãe, alma
bôa e coração magnânimo como
sôe ser o de Mãe, lutava com sa-
crifícios lavando roupas, afinando
educar seu filho e prepará-lo para
as lides do amanhã.

José, era para aquela bôa velhi-
nha, o tesouro sagrado daquele lar
paupérrimo, mas feliz.

Vivia assim, seu filho, cercado
dos maiores carinhos e dos mais
santos enlevos das mãos maternas.

Durante sua infância, José, ajada-
va-a a entregar-lhe as roupas aos
fregueses, e quando de volta ao lar,
jamais abandonara sua Mãe, cer-
cando-a de carinhos e amando-a de
coração.

...

Completando seus sete anos, José,
matriculou-se na escola do vilarejo,
cursando-a com dedicação e mere-
cendo de seus colegas e mestres a
estima e amizade, pelos predicados
de seu coração.

Fizera assim, o curso primário
com distinção, recebendo no final
do ano letivo prêmios de honra pe-
lo seu grande amor ao estudo.

Sua mãe, mais e mais, lutava com
estoicismo e perseverança para que
o rebento querido fôsse no porvir,
cidadão útil a Deus, à Pátria e a
Família.

Mas, a mão inexorável do Desti-
no, houvera traçado o seu futuro,
bem diverso daquele que sonhara
sua idolatrada mãe.

...

Correram os anos. José, já moço,
senhor de si, numa radiosa manhã
de novembro, recebia em festiva
solenidade, o seu pergaminho de

engenheiro, ganho com os maiores
sacrifícios, pelo seu devotamento
ao estudo.

Sua velha genitora, vibrava de
alegria ao ver seu único e idolatra-
do filho, formado em engenheiro,
carreira que por certo, o aprestaria
para a vida, dando a seus cabelos
nevados dias mais felizes e tranqui-
los na sua atribulada existência.

Sua velhice ia ser mais suave.
Seus sacrifícios iam findar, pois,
José, havia de ampará-la gratamen-
te nos últimos degraus de sua passa-
gem na terra.

Entretanto, o caminho que ela
tanto ambicionava para seu filho,
era completamente adverso ...

...

José, que fôra criado e educado
com desvelo e longe dos vícios que
envenenam e corróem a humanidade
se entregara à bebida.

Alcoolatra inveterado, José, era
porém, de uma bondade sem limi-
tes, quando no pleno gôzo de seu
juízo de homem e de filho extremo-
so.

A bôa velhinha, tudo fazia para
que o filho que tanto queria e ama-
va, retornasse ao bom caminho.

Lágrimas foram derramadas. Pre-
ces ardentes subiam aos Céus a im-
plorar ao Creador a regeneração ao
filho transviado do caminho do
Bem.

Quantos sacrifícios, quantas noi-
tes de vigílias, a bôa e meiga velhi-
nha passara sonhando a felicidade
de seu filho, e vencida com estoicis-
mo nesta longa e impenetrável estra-
da da vida?...

Tudo caíra por terra. José, enge-
nheiro, moço e filho obediente, tor-
nara-se desgraçadamente um bêba-
do inveterado.

...

Sua mãe, cansada de pedir aos
Céus, misericórdia à sua deslida,
um dia, quando José voltava ao lar,
completamente embriagado, cha-
mou-lhe a atenção pela vez primei-
ra e última.

No céu as estrélas brilhavam e
lá fôra o vento zunia.

Era noite de São João!

Aquele que até então, nunca hou-
vera dado um desgosto a sua mãe,
desvairado pelo álcool que lhe cor-
roia o cérebro, arranca da cintura o
punhal e enterra a lâmina fria e as-
sassinna no coração daquela que lhe
dera a vida, matando-a.

Após o horrendo e tétrico crime,
dirige-se a seu quarto para dormir.

Dominado pela ardência alcoolí-
ca, cai nos braços de Morfeu, sem
a mínima consciência do ato que
momentos antes praticara.

...

Passa-se a noite celeremente. No
outro dia ao amanhecer, como de
costume, ainda deitado, José, cha-
mava a bôa velhinha para tomar-
lhe abênção, mas, esta jazia sobre
o chão da cozinha, tendo no peito
a arma assassina.

...

Vendo José, que sua mãe não o
atendia, levantou-se... e oh! qua-
dro horrível se lhe apresenta aos
olhos.

Chorando, gritando e abraçado ao
cadáver de sua genitora, José, olhos
esbugalhados, gritando sempre e
cada vez mais, desperta a curiosida-
de dos vizinhos, que acorrem ao
local, assistindo espavoridos, aque-
la cena de sangue e de desespero.

...

Eu a matei"! "Eu a matei"!
Gritava José, sob os olhares perple-
xos dos presentes.

Chega a policia e leva o crimino-
so; não para a prisão mas para o
manicômio. José, enlouquecera.

E lá, ainda está José, a pronun-
ciar palavras incompreensíveis, e
de quando em vez, a frase "Eu a ma-
tei".

E assim terminou aquela noite de
São João, tão fria e bela lá no Céu,
mas, tão monstruosa e horrenda, cá
na Terra.

No céu as miríades de estrélas
brilhavam e lá fôra, o vento zunia
sem cessar... São João!

Ato final de um drama

OSVALDO MELO

Lembra-me bem. Era um dia de sol num convite ao trabalho e à vida. Mal saia eu de casa, rumo ao escritório, quando fui abordado por um individuo que me péde dois minutos de atenção.

Apezar de seu terno surrado, da barba crescida, usando uma velha camisa meio esburacada e de seu chapéu amarrotado, era facil de se perceber, através toda aquela amostra de penúria e de miséria, um homem normal, deixando transparecer modos delicados e cortezes, como si aqueles andrôjos escondessem uma dessas inumeras vítimas, condenadas pela destinação cruel das coisas, à miséria e à decepção dos vencidos.

Atendi-o, já, com demonstrações de simpatia. Dessa simpatia espontânea, que nos inspiram esses seres incomuns, que, de dentro da desgraça têm doçura no olhar e um sorriso humilde de conformação.

— Que deseja o sr? perguntei.

— Alguma coisa com que se possa matar a fome.

— Que prefere?

— Dinheiro. Alguns cruzeiros para pagar um almôssô barato e frugal.

— Uma esmola, enfim...

Não lhe respondi de pronto. Caminhei com ele. O meu silêncio não era porém, uma evasiva nem uma negativa a seu triste pedir. Era piedade. Ia pensando o que fazer, o que dar. E juntos, parámos à porta do meu Escritório. Ele sorriu sem mágoa e tirando da cabeça o velho chapéu, ia despedir-se quando eu, movido por uma resolução rápida, o convidei a entrar. Entrou comigo, cabisbaixo, chapéu na mão, sem dizer palavra.

Já estávamos no meu gabinete.

— Sente-se e não se constranja.

— Obrigado, cavalheiro. Delicadamente, pôz o chapéu sobre os joelhos, fitando-me na consciência de um homem que já sabia, que ia ser interrogado. Passou as mãos pelos cabelos desalinhadados e disse-me;

— Não me surpreendo, sr. Bem ví, que se não tratava de uma esmola, apenas. Si m'a quizesse dar, abriria sua bolsa para faze-lo na rua, apressadamente, com duas palavras de desculpa ou um dêsse conselhos próprios para aumentar ainda mais a desgraça alheia. O sr. porém, deseja fazer mais. Quer ouvir minha história. Já poudé advinhar, que, debaixo destas misérias há um homem de uma outra linha. Não sou de fato um mendigo profissional. Faço parte dessa grande falange de infelizes, que se despenham do alto e que de queda em queda, vão caindo até morder o pó das ruas. Já conheci a alta sociedade. Já vivi entre os que vivem saboreando o capitoso vinho dos banquetes, nos deslumbramentos dos salões iluminados, ensaiando galanteios para a caça noturna de mulheres vaidosas de sua beleza e de suas posses materiais.

E, foi lá, numa dessas festas onde a elegância se exhibe, que a conheci.

Casámo-nos. Viajámos nas delicias de uma lua de mel quasi interminável. A vida real, entretanto, chamava-me ao cumprimento de meus deveres. Voltei com todo o entusiasmo de um homem feliz, às minhas atividades.

Foi quando, só então, a conheci.

Era má, orgulhosa, fingidamente ciumenta, futilissima.

Aos sábados, reunia suas amigas e convidados. Começaram por aparecer os velhos conhecidos e entre eles, o que fôra seu primeiro amôr.

Depois, as dansas, os passeios, os cinemas com ele...

A vida começava a ser para mim, uma coisa insupportavel.

Endividava-me para atender os caprichos dela.

Não havia dinheiro que chegasse. Chamei sua atenção, uma, duas, várias vezes. Vieram as primeiras rugas, depois, as discussões violentas. Satanás achou azada a oportunidade, para instalar em nossa casa, uma das mais movimentadas filiais do inferno.

* * *

Um dia, achei, de volta do trabalho, a casa vazia, uma carta e a confissão de um crime de honra.

Fugira com o seu velho amôr.

Eu era um homem mais orgulhoso do que sensato.

Desprezei o bom senso e destrui-me com o meu orgulho, ao invés de ter agradecido aos céos aquela fuga, que punha deante de meus olhos, o tipo descarado da mulher que eu tinha sob meu teto.

Sai à procura deles.

Fácil me foi achá-los, porque, afinal, sempre há amigos que gostam da desgraça de seus amigos.

E matei-o.

* * *

O homem calou-se. Calou-se para chorar.

— Isso foi há muito tempo?

— Já. Há alguns anos.

— De onde vem agora o sr?

— Da cadeia onde cumprí curta sentença pelo livramento condicional.

— Mas, o sr. matou em legítima defesa de sua honra.

— E' verdade, meu amigo. Acresce, porém, a tristissima agravante de que aquele homem era meu próprio irmão...

* * *

Lá fóra, o sol a iluminar tôdas as coisas.

Lá dentro de meu Escritório, um dos homens mais desgraçados que conheci, e, para o qual, as alegrias daquele sol eram trevas.

O único

FLORISBELO

Alfaiate

Rua João Pinto. 21

A Erva do Diabo

EGON SCHADEN

Entre os Tupinambá do nosso litoral os exploradores e missionários ouviram, logo nos princípios da era quinhentista, a história de um grande mago chamado Sumé, tigura que desde logo se confundiu com a de São Tomé. Em sua viagem para o Oriente, o Apóstolo teria passado pelas costas do Brasil, entrando em contacto com os indígenas. Parece, todavia, fora de dúvida que o Sumé era um herói civilizador criado pela imaginação dos próprios aborígenes, que a ele remontavam grande número de benefícios e de ensinamentos, entre os quais o da técnica de extrair o veneno da mandioca. Costuma-se dizer que os Jesuítas foram os primeiros a confundir os dois personagens. Cumpre, porém, recordar que a lenda de São Tomé na América já vem mencionada na célebre Nova Gazeta da Terra do Brasil, que é de 1515, i. é, de uma época em que ainda não existia a Ordem de Santo Inácio. Mais tarde, o mito do Sumé (ou Tumé) foi registado igualmente entre os índios Guarani do Paraguai, que salientavam, ao lado da mandioca, a erva mate como uma das mais preciosas dádivas do mítico benfeitor. Também no Paraguai esse papel não tardou a ser conferido ao Apóstolo. A tradição do herói mítico Sumé continua bem viva, ainda hoje, entre os aborígenes do Paraguai. Nas proximidades de Yaguarón, pequena cidade situada a sueste de Assunção, Ramón Bogarin foi encontrá-la, há vários anos, entre os índios Karió. Além desta, há outras versões correntes entre os grupos guarani do Paraguai atual. Ramón Bogarin divulgou-a na revista «Isoindih», por ele editada em Yaguarón.

Segundo o mito, o «kaá» (palavra com que os Guarani designam a erva) se originou do corpo de uma virgem. Era uma jovem bonita, de pele muito clara, conhecida pelo nome de Kamby', que significa leite. Vivía com seus pais Kaarú e Kaasy' na mata dos arredores de Tacambu, lugar próximo ao Cerro de Nhaguaru, atual Yaguarón. Kamby' desprezava os homens e jurara que não pertenceria a nenhum deles. Mas o grande Rupavê, o mais poderoso dos deuses, resolveu castigá-la pelo seu orgulho, que contrariava a obra divina. Mandou à terra guarani o mago Pai Tumé Arandí, para transformá-la numa planta de virtudes providenciais. Certa noite, Pai Tumé Arandí chegou, pois, à cabana de Kaarú, acompanhado de Kaágui Rerekuá,

espírito da floresta, de Nu Poty', espírito do campo, de Arayá e Pyharé Yara, os espíritos do dia e da noite. Pediu pouso e dormiu até meia-noite. Depois levantou-se, acordou a Kaarú e disse-lhe: Venho do céu, da parte de Rupavê, para levar a tua filha Kamby'. Enquanto falava assim, apareceu transfigurado e envolto num manto de luz. Kaarú então lhe entregou a filha, e Pai Tumé, seguido dos espíritos que haviam vindo com ele, conduziu a jovem a Tacambu, onde lhe pôs a mão direita sobre a cabeça, dizendo: Tu serás a erva maravilhosa da terra guarani; de tuas folhas sairá saúde, alegria e fôrça para toda a gente da tribo. E da cabeça de Kamby' brotavam folhas verdes, enquanto a jovem ia perdendo a configuração humana, para transformar-se numa árvore. Esta árvore é o «kaá». — Pai Tumé Arandí arrancou um punhado de folhas, sapecou-as e preparou uma infusão, que tomou e deu de beber aos outros espíritos. Todos lhe gabavam o poder tonificante. A ave «guaá», mensageira de Pai Tumé, alimentou-se da semente e nisto foi seguida por outras aves, que, assim, espalharam o «kaá» por toda a terra guarani. Graças a um milagre de Pai Tumé, a primitiva erva de Tacambu, nascida do corpo e da alma de Kamby', tinha a virtude de renovar as folhas da noite para o dia. Mas depois, quando Pai Tumé, perseguido pelo mau espírito Taú, teve de refugiar-se no Cêro de Paraguari, o «kaá» de Tacambu secou. Ainda hoje os Karió invocam a Pai Tumé — Kaá Yara, que significa «Senhor da Erva» — para que não lhes deixe nunca faltar o indispensável produto.

Em alguns pontos, este mito lembra o da Kaá Yary', «Avó da Erva», personagem com que muitos ervateiros paraguaios fazem um pacto na Semana Santa, prometendo viver com ela no mato e ficar-lhe fiel por toda a vida. Por seu turno, a Kaá Yary' aparece-lhes depois em forma de jovem bonita e auxilia-os na penosa tarefa de extrair a erva. O ervateiro que lhe seja infiel está irremediavelmente perdido e é castigado com a morte.

Entre os Jesuítas, que não tiveram sempre a mesma atitude em face do costume indígena de beber o mate, prevaleceu, por algum tempo, a opinião dos que o condenavam severamente; dizendo tratar-se duma invenção do diabo. Mais tarde, porém, os próprios missionários o produziam em

Fundição Rhein de Rudolfo Rhein

Fundada em 1913

FLORIANÓPOLIS — ESTREITO — Rua Cel. Pedro Demoro, 1170

Telefone 19

**Recomenda-se para fundição de peças
e construção de máquinas**

suas reduções, não somente para o consumo interno, mas também como artigo de exportação.

Mal chegaram às terras paraguaias, os Jesuítas, animados dum zelo compreensível apenas dentro da mentalidade da época, se propuseram a extinção do costume de beber o mate, o mate, que se lhes afigurava como vício diabólico. Pouco tempo depois do estabelecimento das Missões, o Padre Diego de Torres Bollo, em relatório destinado ao Tribunal da Inquisição, dizia que os índigenas se entregavam a esse vício por «pacto» e sugestão do demônio»; dizia mais que os índios reconheciam, em suas confissões e fora delas, tratar-se de um vício, de que, no entanto, não podiam emendar-se («y entiendo que de ciento no se enmienda uno», observava o Padre), usando-o diàriamente, e às vezes com grande dano para o corpo e para a alma; afirmava que o vício impedia a frequência aos Sacramentos, porquanto os índios já tomavam a erva antes da missa, e em sua opinião, a erva provocaria também una grande indecência para el Santísimo Sacramento», assinalava, por fim, que «Salen con gran nota de la misa a orinar frecuentemente». E em Junho de 1619, o Cardeal Frederico Borromeu, depois de consultar os mais competentes médicos de Milão sôbre as propriedades da erva mate, recomendava ao Bispo do Paraguai e ao mesmo Padre Diego (provincial da Companhia de Jesus) que «ponga todo empeno en desarraigat mal tan pernicioso, como el usar dicha yerba con grande dano de la salud de las almas y de los cuerpos».

O Padre Ruiz de Montoya, que indagou dos Guarani «con todo cuidado» a origem da bebida, soube dos mais velhos da tribo que estes a atribuiam a um insigne feiticeiro que vivera entre eles no tempo em que eram moços; o mago «tenia trato con el demonio», que lhe impusera o emprêgo da erva para que pudesse consulta-lo. Mais tarde, o uso da planta se teria difundido entre os índios da tribo. Por sua vez, o Padre Lozano escreve que os feiticeiros guarani, ao fazerem as suas predições, afirmavam: A erva me disse isto ou aquilo. E' aliás, interessante notar que, ainda hoje em dia a erva mate é conhecida e empregada também entre outras tribos (Kaingang, Xoklêng) como recurso mágico para «sonhar», afim de se desvendar o futuro.

Ainda em fins do século XVII, quando a indústria ervateira já figurava entre as principais atividades econômicas das regiões do Prata, ainda se fizeram ouvir inimigos declarados e quase fanáticos desse «asqueroso sumo». Assim, em 1689, o Dr. Xarque, em sua biografia do Padre Francisco Dias Tano, depois de aceitar a opinião de que o diabo inventou a erva mate por intermédio de algum feiticeiro, informa o seguinte: «Sendo eu cura da imperial cidade de Potosí e não médico, escrevi um memórial em que provava com razões poderosas que o uso desta erva ocasionava febres vermelhas e outras febres.» Naquela época, porém, a maioria das pessoas já acreditava nas qualidades terapêuticas da planta, que, por exemplo, haviam sido expostas minuciosamente em 1667 no tratado do Licenciado Zeballos.

Os defensores do mate encontravam, aliás, forte apoio na tradição popular. Segundo a lenda, referida, por exemplo, com muitos pormenores pelo Padre Lozano na História de la conquista de Paraguai, São Tomé o dera aos índios em recompensa da boa vontade com que haviam aceito o batismo: ensinara-lhes não somente a técnica de extrair as substâncias nocivas pela ação lenta do fogo, mas, além disso, conferira à planta um po-

Carlos Hoepcke S. A.

Comércio e Indústria

Telegramas: "HOEPCKE"

*
*

MATRIZ — Florianópolis — Santa Catarina.
FILIAIS — Blumenau — Santa Catarina.
Joaçaba — Santa Catarina
Joinville — Santa Catarina.
São Fco. do Sul — Santa Catarina.
Lajes — Santa Catarina.
Laguna — Santa Catarina.
Tubarão — Santa Catarina.

ESCRITÓRIO EM CURITIBA — Paraná, Praça Genérico Marques, 138.

SÃO PAULO — São Paulo, rua 15 de Novembro, 200, 7º andar.

SANTOS — São Paulo, Praça da República, 33, 1º andar.

SECÇÃO DE FERRAGENS

Ferragens em geral.
Materiais de construção.
Louças e tintas.
Comestíveis.

SECÇÃO DE FAZENDAS

Tecidos em geral.
Armarinhos — Tapeçarias
Panos para cortinas e estofamentos.

SECÇÃO DE DROGAS

Perfumarias.
Produtos químicos e farmacêuticos.

SECÇÃO DE MAQUINAS

Máquinas e motores para todos os fins.
Motores Diesel — Bicycletas — Motocicletas.
Rádios — Geladeiras — Enceradeiras.
Material para instalações elétricas e mecânicas.
Artigos elétricos — Ferramentas de precisão.
Secção especializada em artigos para presentes.

SECÇÃO AUTOSHELL

Automóveis e caminhões — Chevrolet — Oldsmobile
Cadillac — Peças e acessórios "GM".
Produtos de petróleo da Anglo Mexican.
Pneus e produtos "Goodyear".
Officinas e Postos de Serviço nas principais cidades de Santa Catarina.

SECÇÃO MARITIMA

Estaleiro Arataca — Vapores
Aparelhamentos completos para cargas e descargas em Florianópolis e São Francisco do Sul.
Despachos marítimos em Florianópolis, São Francisco do Sul, Laguna e Santos.

Fábricas de Gêlo e de Pontas 'Rita Maria'
FLORIANÓPOLIS

der medicinal contra pestes e outras doenças. Em sua feição cristianizada, o velho mito guarani, divulgado pelos próprios missionários, exercia, pois as mesmas funções que lhe cabiam no antigo folclore tribal.

Combatido a princípio como aliado do demônio, o mate se foi tornando, aos poucos, um dos mais poderosos aliados dos próprios Padres da Companhia. Em algumas tribos, o abuso de bebidas embriagantes como a «chicha» constituía grande impecilho para a cristianização. Vários Jesuitas verificaram, porém, que o uso do mate diminuiu nos índios a inclinação para as bebidas alcoólicas. O Padre Florian Baucke, que viveu durante quase vinte anos entre os índios Mokobi, refere-se repetidamente, em sua obra, à importância da erva nos trabalhos da catequese. O mate, importado das reduções dos Guarani, pois não crescia no território dos Mokobi, não somente servia para atrair os índios, que o apreciavam muito, mas também substituiu a «chicha».

Dentre os capítulos mais tristes da história da colonização européia na América destaca-se a maneira abominável com que os espanhóis da região platina escravizaram a população guarani aproveitando-a na extração e no transporte do mate. Muitas centenas e talvez milhares de índios sacrificaram-se desumanamente nesses trabalhos, apesar dos protestos formulados pelos Jesuitas e das medidas tomadas por funcionários da Coroa. Dêsse ponto de vista, a erva mate foi realmente por muito tempo a erva do diabo.



SONETO

No album da srta. Christa Strecker

As amizades sinceras,
que revelam mais constância,
são as feitas noutras eras,
nos doces tempos da infância.

Sonhos desfeitos, quimeras,
dôres, incertezas, ânsia,
ante a amizade são meras
passagens sem importância.

A amizade é uma flôr.
Germina no coração
com o adubo da lealdade.

Cultivêmo-la com amor,
para sentir-lhe a emoção
na fragrância da saudade!

JOSÉ CORDEIRO

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
(Estreito)
Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
Telegramas: FLORESTAL

Filliais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício
Colon)
Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAI, S. C., Rua Blumenau, nº 456
Telegramas: FLORESTAL

BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns

Ciúme

José Cordeiro

Nas contingências em que ora me encontro — ia pensando Adalberto — meu pái há de ser o melhór dos conselheiros. Hei de contar-lhe tudo; hei de abrir-me com êle. E' homem de reto proceder. Tem experiência da vida, elevada consciência moral e, digamos sem reбуço, tem sabedoria. Estas virtudes aliadas ao profundo amor paternal que me consagra, farão dêle o único homem no mundo capaz de me orientar e esclarecer.

Era ao cair da noite; e Adalberto, que vagava atôa pelas ruas da cidade, pensando, ou antes, ruminando um pensamento fixo sem chegar nunca a uma conclusão, — resolveu ir ver o progenitor e dizer-lhe francamente:

— Tenho um grave problema a resolver, e quero valer-me de seu auxilio. Minha mulher não procede bem...

— Heloisa?

— Sim, papái, ela mesma. Ela me engana!

— Há provas, indícios veementes, ou trata-se de mera suposição?

— E' desconfiança, apenas; mas...

— O caso não é tão grave assim. Não há certeza, ainda. Há suspeita. Mas você prejudgou, e não é bom julgar sem fundamento. Certifique-se primeiro; e se chegar à certeza, antes de fazer seja o que fôr, convém dar um pulo até aqui para conversarmos; estudaremos a questão com serenidade, e havemos de dar com o caminho exato a seguir. Gesto precipitado é gesto errado. Valem mais cem anos de perdão que um só minuto de condenação. São verdades, — preceitos éticos de que nos devemos lembrar antes de agir. Em resumo, só a lei de causa e efeito, meu filho, será capaz punir com justiça. Ora vamos, e deixe-se de imaginar coisas, concluiu o bondoso velho:

Após uns poucos instantes, durante os quais se conservou calado, a olhar vagamente, o rapaz sorriu e concordou:

— E' mesmo. Você tem razão, papái. E' necessário ter certeza...

Dito isto, mudou de assunto; falou sôbre temas variados. Deu umas voltas pela casa. Retirou-se pouco tempo depois, com a promessa de voltar no dia seguinte.

* *

Eusébio — era êste o nome do velho — logo que o filho se ausentou, pôs-se a conjecturar, e concluiu que o fáto devia merecer-lhe maior atenção. Tanto poderia ser fundada a desconfiança — hipótese remota para êle — como ser infundada, oriunda do ciúme, fruto natural de acaso ou coincidência — hipótese que se lhe afigurava consentânea com a verdade. Cumprira-lhe, pois, orientar-

se; e para isso tomou uma resolução: êle mesmo iria à casa da nora; falaria a Heloisa confidencialmente, e tudo se havia de esclarecer.

Cêrca de meia hora mais tarde, já noite plena, Eusébio atravessava o portão da chácara onde residia o casal, e aproximava-se da varanda escura, meio oculta pela ramagem das árvores do jardim...

*

Ao sair da moradia paterna, caminhando sempre devagar, Adalberto ia repetindo mentalmente:

— Certeza... E' preciso ter certeza. Devo ter certeza. Para ter certeza cumpre observar, vigiar, prestar atenção; e quando tiver certeza...

Mas em dado momento teve de dar outra orientação a seus pensamentos. Achava-se perto de casa, e sobressaltou-se: — alguém, um vulto de homem, abria o portão; e lá ia vencendo a alameda ensaibrada, em direção à varanda!

— Quem será — perguntou êle a si próprio. Para entrar assim, sem precaução e com tamanho desembaraço, deve ser pessoa muito íntima. Mas quem será? Quem? Ora, quem... Só pode ser êle! O outro! Não! Agora já não há dúvida! Há certeza! A certeza que eu aguardava!

Estugou o passo. Correu; correu tanto quanto pôde. Não devia perder tempo.

Pulou o muro para esconder-se. Atravessou o jardim; e foi-se chegando, pé ante pé, protegido pela escuridão.

O homem bateu à porta. Heloisa, ela mesma, veio abrir. Demonstrou grande alegria ao vê-lo; notava-se pelos gestos. Apertou-lhe a mão e abraçou-o...

— Isto é demais! — exclamou Adalberto fóra de si. Traído! Miseravelmente traído!

Descontrolou-se. Sacou do revolver, e puxou do gatilho muitas vezes.

O homem caiu; Heloisa também caiu. Êle morto; ela mortalmente ferida.

Desvairado, louco de raiva, Adalberto caminhou em direção à porta para ver quem era êle. Vendo-o, estacou horrorizado; e aos gritos, atirou-se sôbre o cadáver, enlaçando-se com êle, a soluçar convulsamente.

O morto era Eusébio, o próprio pai...

* *

No manicômio judiciário, muitos anos decorridos, velho, alquebrado, roído de remorsos, perdido e desesperançado, o farrapo humano que fora outrora o ciumento Adalberto monologava:

— Ciúme! Quantos crimes se cometem por tua causa! Maldito sejas!

Linhos Para Ternos de Cavalheiros

da fabrica diretamente ao consumidor, vende-se pelo
Serviço de Reembolso Postal

Acêita-se agentes em todas as cidades

FABRICA DE TECIDOS DE LINHO

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

BRASILEIROS!

Na data de hoje — 8 de Maio de 1948 — em que se comemora o aniversário do término da guerra que, com a VITÓRIA dos EXERCITOS DAS NAÇÕES UNIDAS, libertou o mundo da opressão nazi-fascista, a ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL, Secção de Santa Catarina, não poderia deixar de vir trazer a sua saudação ao POVO BRASILEIRO.

O 8 de Maio tem para aqueles que, fóra do território pátrio, em terra, no mar e no ar, longe de seus mais queridos entes, se encontravam, de armas na mão, lutando pêlos sagrados Direitos do homem, um significado todo especial, pois se por um lado recorda a nossa satisfação ao recebermos a noticia de nossa Vitória, por outro recorda também o sentimento que invadiu o coração de todos nós — soldados de todos os Países — o desejo de retorno à Pátria para, ao lado dos que nos são caros, dedicar-nos ao trabalho construtivo, na Paz recém-conquistada.

Nós que vimos e sentimos os horrores da guerra, sabemos dar hoje valôr aos dias de Paz e para que esses dias sejam prolongados por gerações, reconhecemos não ser pequena a nossa responsabilidade!

Sim, porque nós que estivemos em contacto com outros Póvos, nos momentos mais difíceis, verificamos o quanto é indispensavel a cooperação e o entendimento pacifico da Humanidade!

Essa mesma Humanidade sofredora que tem experimentado, de tempos, em tempos, os horrores de verdadeiras guerras de conquista, guerras sem principios, que só tem servido para oprimi-la e infelicita-la.

A guerra contra o fascismo ensinou-nos a amar, ainda mais, a PAZ a LIBERDADE e a DEMOCRACIA!

A luta que mantivemos em defesa da integridade de nossa querida Pátria, covardemente agredida, mostrou o Mundo de que são capazes os filhos do Brasil, quando feridos em sua carne!

Os Ex-Combatentes do Brasil reconhecem quanto foi valioso o trabalho desenvolvido, na retaguarda, pêlo POVO BRASILEIRO.

Trabalho constante que revelou verdadeira abnegação à causa da Pátria e do Mundo, dando a nós outros o estímulo de que tanto necessitavamos.

Mas se reconhecemos o trabalho prestado, reconhecemos também a necessidade, desse mesmo Povo, continuar, ao nosso lado, a trabalhar em defesa da Paz e da Democracia!

Muito trabalho temos que desenvolver, pois se derrotamos o inimigos nos campos de batalha, sobrevivem eles ainda em nossa Pátria e em outros Países, ameaçando o regime que com sacrificio conquistamos. São os mesmos que, durante a guerra, tudo fizeram para impedir o envio da FEB e, depois, para empanar e diminuir os seus grandes e gloriosos feitos.

Ao bravo Povo que tão bem soube colaborar na retaguarda, a esses bons brasileiros, os Ex-Combatentes apelam para que saibam, dentro da ordem tão necessária ao nosso Pais, continuar a luta em defesa da Democracia.

Cabe a todos nós a grande responsabilidade de tudo fazermos pêla restauração economica de nossa Pátria, afim de que pôssa ela, através a mais estreita cooperação económica entre todos os povos, marchar para o progresso!

Cabe a nós, ainda, saldar a grande divida que temos para com os nossos mutilados e familias dos que souberam morrer com heroismo, para que hoje usufruamos os frutos de seu sacrificio!

BRASILEIROS!

No dia da Vitória do Brasil e das Nações Unidas, o dia da Paz Universal, CONCLAMAMOS, em beneficio de nosso Povo e da Humanidade, a uma verdadeira união de todos os Brasileiros e de todos os povos, uma união semelhante a que nos permitiu ganhar a guerra, para que possamos também ganhar a Paz!

Conclamamos a apoiar e a defender o entendimento pacifico entre os Póvos, atravez da Organização das Nações Unidas!

Conclamamos a apoiar, em nosso Pais, as autoridades democraticamente constituídas, defendendo e exigindo o respeito e o cumprimento da Constituição de 1946 que custou o sangue e a vida de tantos brasileiros!

Conclamamos enfim, a trabalhar incansavelmente, pelo progresso e PELA GRANDEZA DE NOSSO QUERIDO BRASIL!

Florianópolis, 8 de Maio de 1948

Paulo Gevaerd Ferreira pela Associação dos Ex-Combatentes de Sta. Catarina

8 de Maio de 1948

Quem sou eu?

Ao mais original criador do Século XX — Joracy Camargo

Precisamente há oito anos, eu conheço esta história.

— 1940 — A «Cidade Maravilhosa» acordára para a luta de todos os dias, mas despertara cansada, exausta, qual indolente doidivana espreguiçando-se nas curvas do alvo lençol de linho de um leito maculado por paixões grosseiras.

O disco alaranjado do sol beijava a carapuça branca das ondas que acariciavam a fina areia de Copacabana e... a praia branca, cheia de curvas suaves, lembrava os aprimorados contornos do corpo de uma venus.

Sim, a cidade acordara muito cansada — Quarta Feira de Cinzas...

As duas horas da tarde, no «Chave de Ouro», encontrei-me com Roberto; seu olhar pareceu-me estranho.

— Cansado? — indaguei.

Não respondeu e eu insisti:

— Todo excesso é prejudicial — possivelmente você fez muitas extravagancias, precisa repousar.

— Nada disso, meu caro. O meu caso é outro — bem difícil — eu mesmo não o entendo.

— Não compreendo, Roberto!

— Nem eu! — exclamou.

Seu olhar era realmente estranho, sem vida, turvo — lembrava uma lagoa de águas paradas — bem diferente do brilho alegre que morava nos seus olhos.

— Você tem certeza de que estamos aqui, sentados, conver-

sando? — perguntou repentinamente.

— Claro, Roberto!

— Afirma que sou realmente Roberto?

— E' lógico.

— Não estarei sonhando? — insistiu ele.

Constatei que uma mudança brusca nele havia se processado. Cansaço? Loucura?

— Sim, você é Roberto — não seja idiota. Por que duvida?

— Diga-me — insistiu ainda — sou realmente rico? Moro em Copacabana? Conhece minha noiva?

— Francamente, Roberto! Não o entendo; explique-se melhor. Pretende brincar comigo? — indaguei.

— Saberá a razão desta cruel duvida. Ouça e me ajude a dissipá-la — eu lhe suplico.

Dizendo isso passou a narrar-me a mais exótica história que se pôde conceber.

— Lembro-me apenas que me deitei muito cansado, adormecendo ao som das trombetas do «Rei Momo» — não sei se despertei.

Sonhei, isso é inegável. Foi um sonho tão confuso — coisa horrível!

O selvagem dragão da duvida dilacera-me com as suas acirradas garras. Preciso certificarme de que não continuo sonhando e, por mais que me esforce não o consigo.

Preste bem atenção — ouça-

me e por favor não minta — diga quem sou eu?

— Fale, balbuciei no auge da confusão.

Roberto, então, contou:

— Lentamente foram uma a uma morrendo as delirantes notas dos clarins e... por fim, distingui um côro de vozes ave-ludadas, acariciadas pelos suaves acordes de um órgão. Chovia muito. Eu me achava sentado à porta da Igreja da Candelária; tinha a gola do paletó erguida — estava todo molhado. De minha barba crescida, a chuva pingava.

Foi quando reconheci a minha própria voz:

— «ESMOLA POR AMOR DE DEUS». Depois, abafadas pelos passos dos transeuntes, tres palavras rolaram de minha boca: — «DEUS LHÉ PAGUE».

No meu chapéu sem côr, surrado pelo tempo, caíam miseráveis moedas — eram pingos de conforto na noite tenebrosa da minha desventura. Homens, mulheres, crianças cruzavam comigo e os meus lábios repetiam automaticamente — «ESMOLA POR AMOR DE DEUS».

Segundos após haver absorvido mais uma gota do absinto da humilhação resignado eu repetia: — «DEUS LHÉ PAGUE»...

A tarde se envolveu em crepre — consumada estava a batalha entre a luz e as sombras — a noite caiu.

E sob um céu recamado de estrelas luzindo, adormeci na

MADEIRAS E FÉCULA

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

areia fina, branca e macia da praia, sentindo nos meus ouvidos, as gargalhadas de escarneo das ondas e no corpo molhado, o azorrague do vento que impiedoso passava uivando e... parecia gritar: — mendigo, mendigo...

Depois, alguém me acordou, chamando-me pelo nome: — Roberto! Roberto!

Era Ivone que vinha buscar-me porque eu demorara — iam ao Teatro Municipal.

«Deus lhe pague» estava no cartaz Saíamos eu e minha noiva. Ambos já conhecíamos a obra prima do grande Joracy Camargo.

Ivone presenteara-me o livro com uma dedicatória muito de meu agrado: — «Ao mendigo de meus beijos».

Minha «Mercury» rolava no abaulado tapete de asfalto das ruas, em direção ao Teatro, dando a impressão de uma pluma que a brisa levava ao léu. Ivone sorria ao meu lado.

Quando tentei oferecer-lhe a mão, na calçada do Municipal, já não vi Ivone, nem havia autômovel algum.

Então, surpreendi-me caminhando andrajoso, barbado e faminto sob os fios de prata da chuva que o céu cuspiá sôbre a minha cabeça.

A' minha frente, soberana e altiva erguia-se a Igreja da Candelária. Sentei-me no último degrau da escada e... chorei, chorei muito.

Depois, observei um jovem que caminhava na minha direção, indiferente à chuva, agasalhado por uma confortável capa impermeável.

Fitei diminuído, os farrapos que me cobriam o corpo e pude assim, aquilatar a minha miserável condição.

Dos meus lábios, então, escapou o meu prefixo de dôr — «ESMOLA POR AMOR DE DEUS».

Outros vultos foram passando e eu fui repetindo: — «DEUS LHE PAGUE»... Roberto fez uma pausa e eu pude ver então, duas lágrimas boiando nos seus olhos.

Ele prosseguiu:

— Como a marcar a cadência dos passos dos transeuntes eu prossegui até o ocaso da tarde, murmurando em resposta ao ruído das pratas magras que pingavam no meu chapéu: — DEUS LHE PAGUE, DEUS LHE PAGUE...

Depois, a noite caiu e fitando as estrelas no balcão azul do céu, sob o véu de rendilhas de fios do luar, adormeci na praia. A chuva banhava o meu rosto —

ALFAIATARIA FORNEROLLI

RUA TIRADENTES, 8

Elegância de seu corpo !

Dr. Remigio

Molestias Internas em Geral — Doenças das Senhoras e Crianças

CONSULTÓRIO:

Rua Felipe Schmidt

Edif. Amélia Neto — Fone: 1392

Consultas: 9 às 11 — 14 às 16 horas

RESIDÊNCIA:

Lgo. Benjamin Constant, 6
Fone: 1392

meu corpo todo tremia. Não me lembro de haver despertado.

E me olhando com um mar de ansia nos olhos, Roberto indagou:

— Por favor, por favor, quem sou eu?...

1948 -- Oito anos já são passados e ainda hoje, um mendigo barbado, andrajoso e faminto pergunta a quem passa:

— Por favor, por favor, QUEM SOU EU?

Distribuidores no Estado de Santa Catarina dos Produtos de Ferro e Aço da Cia. Siderúrgica Nacional (Volta Redonda).

— Equipamentos completos para construção de estrada de rodagem.

— Motores à óleo cru, gasolina e querosene.

— Material de rádio-recepção.

— Material de garage: Macacos, Ferramentas, Carregador de Baterias.

— Máquina para soldar-Eletrodos. Máquina para gravar.

— Grupos Eletrogeneos, para fornecer luz para sítios.

— Talhas elétricas. Guinchos.

— Máquinas para olarias.

— Porcelana técnica.

— Produtos veterinários.

— Arados, cultivadores, grades de discos e de dentes. Pás, enxadas.

— Insecticidas. Carrapatecidas.

— Cimento. Arame farpado.

— Válvulas Iguassú.

— Folha de fibra de madeira comprimida.

— Móveis Rio Negrinho.

— Cereais.

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Importação — Exportação

Rua Conselheiro Mafra, 84 — C. Postal, 239
Telefone 1.607

FLORIANÓPOLIS

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinville

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal

em 6 lindas cores

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

Solidões...

MANOEL FELIX CARDOSO

Na brandura dos campos orvalhados,
Silenciosos, sutis em seus perfumes,
Refaz-se dos seus dias agitados
A vida com seus múltiplos queixumes...

Então às noites quando esbranquiçados
Eitos do céu transluzem esses cardumes
De estrélas!... pelos campos, pelos prados,
Com a mente a dardejar excelsos lumes

Da Cidade de Deus!... u'a nova vida
Toma-nos todos, rouba-nos da lida
Dêste «vale de lágrimas» que passa...

Sonhamos a escutar doces baladas
Que mansas descem de regiões aladas
Como um sôpro Divino que perpassa...

Eu amo a quietude lá dos ermos
Onde dos céus serena benção desce
Nos eflúvios da Paz em dons supremos
Nas clarinadas do dia que amanhece.

Eu amo o escampo aberto lá dos termos
Insólitos, altar propício à prece,
Trabalhado por Deus, sem mesmo vermos
Na mansidão do dia que anoitece...

Ó como eu amo o céu pelas caladas
Da noite quando temos despertadas
Nossas reminiscências as mais santas...

Nas horas quando forte algo incisivo
Reclama nosso olhar contemplativo
Na grandeza de Deus, suas obras tantas...

Pelas praias desertas desta Ilha
De músicas de estranhas sinfonias
Que o vento sul de quando em vez dedilha,
Sussurrante, nas suas litánias;

Onde, nas tardes mornas, maravilha
No céu reponta a esmo com poesias,
Dourando o quadro da ILHA VERDE, a Ilha,
Cercada de muralhas, quais espias

Dêste Atlântico que a sustém nos braços;
Pelas praias! meus sonhos, meus cansaços,
Morrem c'o as tardes mornas, desmaiadas,

Morrem quais vagas vêm morrer na areia
Batidas pelo vento!... numa teia
De dor, morrem nas praias desoladas...

Quanta vez escrevi teu doce nome
Pelas praias desnudas onde eu ando
Quanto também do amor que me consome
Escrevi junto ao mar em fúrias, quando

Em solidão, a olhar o que se some,
Doce lembrança à mente espadanando
Surgia-me c'o a visão dêsse teu nome
A tua imagem ao longe me acenando...

Minhas canções o mar levou da praia
Escritas quando o dia já desmaia
Deixando um céu de púrpura bem lindo!

Ao espreguiçar das ondas, uma a uma
Essas canções, em flóculos de espuma
Com tua imagem voam se sumindo...

Pelos engenhos velhos, trabalhados.
Nas noites quando o afan se alonga tanto,
Meus ais, minhas canseiras, meus cuidados,
Ficam esquecidos por ouvir o canto

Que foge pela beira dos telhados
Ganhando a solidão feita de encanto,
Revivescendo sonhos já tombados
Da mocidade quando se amou tanto.

Estrofes mais saudosas são tangidas
Na rude inspiração de muitas vidas
Simples, porém, felizes neste mundo!

Belas quadras de amor improvisadas,
Sôltas ao luar... no agreste das quebradas
Dos montes que se perdem no soturno...

Quando da vida em meio os pensamentos
De sonhos coruscantes, de ideais,
Somos cingidos pelos sofrimentos
Que nos aterram e não nos deixam mais;

Quando desabam rígidos tormentos
E de aflições rajadas sem iguais
Na quadra em flor dos nossos bons intentos
De toda a inspiração e plena paz;

Então, sentimos ânsia, de repente,
De solidão! De paz que venha a gente
Curar do fundo da alma grandes máguas!

A sêde pela prece se desata
De fragor em fragor qual da cascata
O sussurro no vórtice das águas!...

Sou qual argila em fôrma ministrada
À Soberana Vontade do Eterno!
De dia a dia vou subindo a escada
Da Vida, das regiões do Ideal Superno!

Por vezes busco abrigo em descampada,
Esmacida paragem de mui terno
Repouso, para a sós, vibrar em cada
Momento que se passa, prece ao Eterno!

Misteriosos desejos! Que processo
Oculto, nas estranhas, no recesso
De quem suspira por alguma coisa

Que fuja à órbita dêste mundo todo
Desta casa de barro, dêste lôdo
Onde em martírio o nosso Sêr repousa!



Antonio

Gutierrez

Por decreto de 12 de abril do corrente ano, foi o Sr. Antônio Gutierrez, nosso prezado amigo e colaborador desta revista, designado para exercer interinamente o cargo em comissão de Diretor da Escola Industrial de Florianópolis, Padrão L.

Anteriormente, o Sr. Antônio Gutierrez exercia a Chefia do Curso de Tipografia e Encadernação da referida Escola. No dia 11 de maio, tomou posse e assumiu a Direção da Escola Industrial de Florianópolis.

O Sr. Antônio Gutierrez é um carioca há muito tempo radicado em nossa Capital e que dispõe de largo círculo de amigos e de admiradores. Apreciador do foot-ball é um dos elementos de destaque do Figueirense F. Clube e goza de grande prestígio no meio esportivo do Estado.

ATUALIDADES, que tem em Antônio Gutierrez um dedicado amigo e solícito colaborador, embora tarde não deixa de registrar pressurosa o acontecimento e formula votos de completo êxito no exercício do alto cargo.

LEIA-ME...

A imprensa, em nossa terra, vái, a pouco e pouco, enriquecendo-se, e novos periódicos surgem, de quando em vez, à luz da publicidade.

Agora é «Leia-me...», uma revista que aparece, de propriedade do sr. Nicanor de Souza, dos Estabelecimentos Gráficos Brasil, e dirigida pelo sr. João Frai-

ner, antigo redator de «O Estado».

E' uma revista leve, moderna, bem feita, com abundante material informativo e farta ilustração, apresentando-se excelentemente sob o aspecto gráfico.

Ao novo órgão da imprensa catarinense, que se póde comparar aos melhores que se editam nas principais cidades do país, «Atualidades» faz votos de prosperidade e longa vida.

Círculo de Arte Moderna

Em 7 de maio p. p. o Círculo de Arte Moderna, desta Capital, levou a efeito no Teatro Alvaro de Carvalho, um espetáculo teatral no qual foram apresentadas as seguintes peças:

«O Homem da Flor na Boca», de Luigi Pirandello; «Como Ele Mentiu ao Marido Dela», de Bernard Shaw; «Estatuas Volantes», de uma novela de Jean Paul de Sartre, da escola existencialista francesa, adaptada por Odi Fraga e Silva.

O espetáculo foi grandemente aplaudido pelos assistentes que levaram em conta na falta cênica-teatral a boa vontade do esforçado grupo de jovens.

Esta é já a segunda apresentação do Círculo de Arte Moderna no qual cabe salientar a ação do jovem Ody Fraga e Silva, dirigente artístico dos espetáculos e a um tempo ator.

«Atualidades» deseja aos jovens do Círculo de Arte Moderna votos de progresso e que continue firme na iniciativa tomada para o progresso teatral em Santa Catarina.

LETRAS E ARTES

Em maio último, registou-se o 2.º aniversário do suplemento literário «Letras e Artes», editado pelo jornal «A Manhã», da Capital Federal.

«Letras e Artes» é o espelho fiel de nossa vida intelectual e obedece à direção do escritor Jorge Lacerda.

A data foi festejada, pois, pela intelectualidade brasileira e «Atualidades», embora tarde, não póde deixar de enviar seus sinceros parabens associando-se, assim, às muitas homenagens prestadas.

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuída pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Quéro-te assim como és!

Quéro-te assim como és
sem artificio algum..
os cabelos soltos, esvoaçantes ao vento,
os labios sem carmim,
o rosto bem rosado sem pó,
libérta e fugidía como mulhér,
não como manequim!...

Quéro-te assim como és
sem artificio algum..
os braços nús e brancos
as mãos, sem fantasia alguma,
sem esmalte de sangue nas unhas...
o corpo sensual, helenico
sem retoque algum,
os seios virginais em musical delirio
sê levantem febris, ousados para a frente!...

Quéro-te assim como és
sem artificio algum..
quéro-te como mulher
não como «bibelôt»..
os pés nús pisando a relva macia da Vida,
sem calçado, sem meias:
sem nada, enfim!...

Quéro-te assim como és
sem artificio algum..
e então serei feliz
quando, cantando ao lado
de meu corpo cançado de te buscar na Vida,
lançar-te em meus braços,
assim como te quero..
os cabelos pretos e ondulantes
soltos como palmeira agreste,
os labios escorrendo mól,
o rosto bem corado queimado pelo sol,
o corpo sensual, palpitante de amôr,
os braços inquietos querendo me envolver
num laço fatal..
e como duas pontas de flexa
teus seios se entrechocando
no meu corpo cançado...

Então serei feliz
quando viéres p'ra mim,
assim como te quero..
sem artificio algum...

ARI DA COSTA PEREIRA

Livraria Moderna

de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc

Cervejaria Catarinense S. A.

'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER

Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso Telefone 1248
BLUMENAU Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS

Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duraveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES

VIBRALITE CERAMITE

para todos os fins

TUBOS DE CIMENTO

com e sem armação

POSTES, PIAS,
TANQUES

Dr. Ivo Mosimann

Cirurgião·Dentista

Praça 15 de Novembro, N° 12

Florianópolis



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Choc-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

Sociedade Anonima Comercial

CASA MOELLMANN

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes :

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens :

Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis :

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Ciléia Lopes de Mendonça
Especial para "ATUALIDADES"

ÍNTIMO

Eu tenho minha vida povoada
De sonho, de promessa, de quiméra...
Parcelas de uma vida inacabada
No perfume de sua primavéra!

Numa essência talvês evaporada
Baila a saudade que me reverbéra
Uma iluzão, tão dôce, pincelada,
Na quadra azul de terna e sutil éra!

Tenho em minh'alma o incontido anseio
De algum desêjo que jamais refreio
E que conservo para amenizar

Desta existência todo o desprazer
Que me acabrunha com o fenecer
De um sonho que tentei realizar!

Transformação

Não parece, afinal, que nos amámos!
Tudo mudou! Até mesmo você...
Fugiu aquêlo sonho que sonhámos,
Tudo mudou... Mas eu não sei porquê!

Uma paixão feliz que acalentámos
Que jamais prometi fenecer,
Hoje é o simbolo dos dias que passámos.
Conhecendo do amôr o alvorecer.

Tudo mudou! Até meu coração
Confessa que não sente a solidão
— Motivo prá saudade enternecida...

Tudo extinguido! Agora eu vou sozinha
Ironisando a sorte que espesinha
Com mais esta iluzão em minha vida!

* * *

Miragem

Tú, criança, que partes para vida,
sem conhecer do mundo, a falsidade;
que vais ingênua, alegre e convencida
de te encontrares com a felicidade.

Pela estrada, sonhando, embevecida:
a cada curva, esperas, em verdade,
que a esperança seja convertida,
na outra curva, em realidade

Só quando houveres muito caminhado,
volvendo o teu olhar para o passado,
perguntarás com resignação:

Felicidade, diz-me aonde estás?
E já velhinha, então, tu voltarás
Pelos atalhos da recordação.

JUVENAL MELCHIADES DE SOUZA

Dia do Estatístico

O dia 29 de maio, dedicado como Dia do Estatístico aos funcionários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, transcorreu, nesta capital, com grande brilhantismo. O cunho solene das comemorações foi dado pela formatura de 10 alunos do Curso de Aperfeiçoamento M. A. Teixeira de Freitas, Série de Estatísticos-Auxiliares.

O programa tomou o dia inteiro, iniciando-se as solenidades com a celebração de Missa festiva, na Catedral Metropolitana, às 7.30. Foi celebrante, o Revmo. Pe. Alfredo Luterbeck, S. J., que proferiu eloquentes palavras ao Evangelho, tomando por tema a frase paulina "A verdade vos há de libertar".

Durante o ato, elementos da Orquestra Juvenil de Florianópolis, dirigidos pelo prof. Hermínio Jacques, executaram a mimosa "Ave Maria do Cego", com acompanhamento de órgão.

Pelo meio dia, reuniram-se na Seção Agrícola da Penitenciária do Estado, gentilmente cedida pelo dr. Rubens de Arruda Ramos, os convidados especiais, entre os quais o dr. Aderbal Ramos da Silva, digno Governador do Estado e seus Secretários das Pastas da Fazenda e Justiça, além de outros Representantes de Autoridades, Diretores de importantes Repartições, os geógrafos e os estatísticos, com pessoas da família. O churrasco esteve muito a contento, tendo sido seguido de animado baile, ao som de afinado jazz.

Às 20 horas, no Edifício da Assembléia Legislativa, foram distribuídos os diplomas aos alunos aprovados. Presidiu a sessão o prof. Barreiros Filho, representando o sr. Governador do Estado.

A sessão teve início com o Hino Nacional. Usou da palavra a oradora da turma, senhorita Suely

Gouvêa que enalteceu a obra do prof. Lourival Câmara, iniciador dos Cursos de Aperfeiçoamento na Estatística de Santa Catarina. Pelos padrinhos, foram entregues os diplomas, na seguinte ordem: Senhora Maria Cascaes Brasil, pelo dr. Waldemiro Cascaes; Maria Nilza Spoganicz, pelo dr. Jauro Dentice Linhares; Suely Gouvêa, pelo sr. Joel Lange; Maria Alice Santos, pelo sr. Gercy Cardoso; Célia Brognoli, pelo academico Renato Azevedo Nascimento; sr. José Sobierajski, por sua filha Teresinha; Dilma de Assis Morais, pelo sr. Rubens do Amaral Lange; sr. João Valécio Rebelo, pela senhorinha Nilda da Luz Cordeiro; senhorinha Leni Leal, pelo doutorando Almir José Rosa e sr. Francisco Duarte Silva pela senhorinha Olga Voigt Lima.

Entregues os diplomas, o prof. Barreiros Filho fez entrega da medalha "José Boiteux, à senhora Maria Cascaes Brasil, primeiro lugar da turma recém-formada.

O paraninfo da turma, doutorando Roberto Lacerda, pronunciou substancial discurso sobre o importante papel que cabe à Estatística na organização e na administração nacional.

Encerrando a sessão, o prof. Barreiros comunicou suas impressões pessoais sobre o Curso, dado que assistira aos exames e pudera comprovar o alto nível técnico e cultural alcançado pelos examinandos. Referiu-se especialmente às teses apresentadas pelos alunos e que versaram sobre assuntos econômicos de Santa Catarina. Congratulou-se com os professores do Curso pelos resultados obtidos e com o Diretor do Curso, doutorando Roberto Lacerda.

Nos salões do Lira Tennis Clube de Florianópolis foi organizada excelente soirée; a orquestra do Lira e a orquestra Juvenil abrilhantaram sobremodo o animadíssimo

baile. Diversos números do variado repertório da orquestra Juvenil foram dedicados aos recém-formados; a gentil senhorinha Dilza Dutra e o sr. Carlos Costa apresentaram diversos números de canto que arrancaram palmas vibrantes da seleta assistência.

As danças prolongaram-se até tarde, de madrugada.

Com essas solenidades, a Estatística está criando uma tradição de unidade entre os seus servidores, já consubstanciada na Sociedade Catarinense de Estatística, que promoveu, com o DEE, essas interessantes comemorações.

Da Capital Federal, o sr. Aroldo Caldeira recebeu o seguinte telegrama: "Peço-lhe o obséquio de representá-lo no ato da formatura do Curso Teixeira de Freitas e de transmitir aos distintos diplomandos os meus votos de êxito em suas atividades profissionais. Saudações. Rafael Xavier, Secretário-geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística".

O prof. Lourival Câmara, ex-diretor de Estatística, fez-se representar pelo sr. Renato Ramos da Silva, Presidente da Sociedade Catarinense de Estatística.

A Assembléia Legislativa prestou homenagem ao Dia do Estatístico, em moções congratulatórias subscritas pelas diversas bancadas, nomeando também uma Comissão para representar o Legislativo na cerimônia da formatura.

De toda a parte do Estado foram recebidos telegramas de felicitações, inclusive de ex-funcionários do Departamento de Estatística.

O sr. Vice-Presidente da República e o sr. Cardial D. Jaime Câmara enviaram expressivas congratulações à nova turma. O sr. Teixeira de Freitas, Diretor da Estatística da Educação e Saúde e patrono do Curso fez-se representar pelo Diretor do DEE catarinense.

CÔMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR
Florianópolis - S. Catarina

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL

Intelectuais homenageam a revista «Atualidades»

Expressiva, não há dúvida, a homenagem com que intelectuais catarinenses, tendo à frente os srs. des. Henrique da Silva Fontes, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e o sr. Ildefonso Juvenal, incansável colaborador de nossos periódicos, prestaram, na noite de 1.º do corrente, na sede daquela associação cultural, à Revista ATUALIDADES, mensário que, sob a direção de E. Kuehne, se edita em Florianópolis, há 3 anos ininterruptos, com corpo redatorial selecionado, em oficinas próprias.

A homenagem a essa revista, na pessoa do snr. João Kuehne, constou de linda festa de arte, em que tomaram parte a pianista Marília Cardoso, a cantora Eli Faustino e o declamador snr. Lourival Almeida, além de intelectuais que aderiram a tão expressivo gesto de simpatia.

Usaram da palavra os snrs. des. Henrique Fontes, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, e disse das razões de tão significativa festa, Ildefonso Juvenal, Consul Julio N. Herrera e, por fim, o snr. João Kuehne, em cuja pessoa foi a revista homenageada, o qual, comovido, agradeceu tão fidalgo gesto.

«A NOTICIA», esteve representada na pessoa do seu correspondente, snr. Adão Miranda, associando-se, assim, à homenagem.

(«A Notícia», de Joinville, de 11 de Maio de 1948).

Cavalheiro!

Seja fan do «Gostozão» do século XX

«Aperitivo KNOT»

Senhorita!

O Eleitorado feminino elegeu líder majoritário

«Guaraná KNOT»



EDUARDO GOMES

Desde há muito que somos desinteressados propagandistas do Correio Aéreo Nacional, que encontrou em Eduardo Gomes o seu animador indefesso e clarividente.

Neste mês de maio, tão cheio de poesia, estivemos no Rio para publicar o nosso segundo livro de ficção. A viagem de ida e volta foi feita por via aérea no transporte da FAB. Viagem essa sem dúvida surpreendente, surpreendente por uma série de motivos. A bordo do possante aparelho encontramos cerca de vinte e tantos passageiros, inclusive cinco crianças, sendo três de peito. Na volta, quase a mesma quantidade de passageiros, de diferentes idades. Os nossos aviadores estão bem treinados, executando as manobras com perícia. Quer na decolagem, quer na aterrissagem, o «Douglas» deslisava. Os passageiros mais confiantes não usavam a cinta. Daqui para lá e de lá para cá, com escala em Curitiba e São Paulo, gastamos um pouco menos de cinco horas.

Depois de tão agradável, serena e segura viagem, estranhamos a indiferença de muitos brasileiros a respeito do Correio Aéreo Nacional... Por que muitos desconhecem a sua organização, que é sem favor uma das mais notáveis do mundo? Felizmente, há até muitas exceções. Nas Rotas Aéreas, a lista de nomes pedindo passagem nas diferentes linhas servidas pelo Correio Aéreo Nacional aumenta sempre; inclusive estrangeiros que desejam viajar no território nacional, no Paraguai e na Bolívia.

A verdade é que o Correio Aéreo Nacional já escreveu uma épica história, cuja significação para o futuro da pátria é fácil vislumbrar. Vamos resumir as suas principais passagens:

Foi, em 1931, que o General Leite de Castro, então Ministro da Guerra, idealizou o Correio Aéreo Militar. Mas a idéia não era fácil de realizar. Faltava-lhe um homem decidido e organizador. A Missão Militar Francesa condenava a iniciativa. Ela fracassara até nos Estados Unidos, que eram um país de inexauríveis recursos! Sem dúvida, seria uma obra temerária. Talvez não passasse de um sonho de poeta. Logo, porém, o General Leite de Castro descobriu o homem extraordinário que iria fazer a nossa aviação militar conquistar espaço, adquirir aviões, formar pilotos e construir campos de pouso. Seu nome é uma lenda: — Eduardo Gomes!

Contra tudo e quase contra todos, em 12 de junho de 1931, o Correio Aéreo Militar ligou o Rio a São Paulo, já levando nessa primeira viagem algumas malas postais, cujo avião era um obsoleto «Curtiss Fleding», com um motor apenas de 170-HP. Eis a escola de sacrifício onde, durante anos e mais anos, foram preparados os nossos pilotos militares. Os oficiais da FAB, no período da guerra, além da sua atuação no campo de luta da Europa, conduziram dos Estados Unidos para o Brasil quarenta e quatro (44) aviões de treinamento «Fairchild» PT-19. Dez (10) «Vultee» BT-15, melhor tipo de avião de treinamento, dispoendo de radiofonia, foram quase na mesma época conduzidos por aviadores americanos e não alcançaram o nosso território.

O Correio exclusiva

Zedar Perfeito da Silva



Pães, doces biscoitos balas e caramelos
nos Varejos **MORITZ**

Soberana, Praça 15 - 1505

Tiradentes, 45 - 1225

C. Maíra, 59 - 1180

Aéreo Nacional é vitória do Brasil

Em 1941, ficou criado o Ministério da Aeronáutica, tendo sido seu primeiro Ministro o dr. J. P. Salgado Filho. Nessa ocasião, o Correio Aéreo Militar e o Naval integrados passaram a denominar-se Correio Aéreo Nacional, constituindo uma das divisões da Diretoria de Rotas Aéreas.

Em quinze anos de existência o acervo de serviço do atual Correio Aéreo Nacional é simplesmente notável. Vamos apelar para a estatística, porque inegavelmente os números falarão com mais eloquência.

No ano de 1931, o Correio Aéreo Nacional realizou este movimento :

Extensão das linhas (quilômetros)	1.740
Quilômetros percorridos	54.888
Horas de voo	472:30
Número de aviões utilizados	10
Viagens efetuadas	173
Pilotos	37
Passageiros transportados	61
Correspondência (quilos)	340.045

Já no ano de 1946, o resultado foi muito além do esperado :

Extensão das linhas (quilômetros)	49.496
Quilômetros percorridos	3.722.454
Horas de voo	19.922:30
Passageiros	14.154
Correspondência (quilos)	1.445.328
Carga (quilos)	499.812.044

Agora, passamos a enumerar as rotas percorridas pelo Correio Aéreo Nacional :

- Rio - La Paz (Bolívia); e respectivas escalas.
- Rio - Natal; idem.
- Rio - Palmar; idem.
- Rio - Xavantina; idem.
- Rio - Fortaleza; idem.
- Rio - Pôrto Alegre; idem.
- Rio - Belém; idem.
- Rio - Acre; idem.
- Rio - Guaira; idem.
- Rio - Fortaleza (com novas escalas).
- Rio - Boa Vista; e respectivas escalas.
- Rio - Assunção (Paraguai); idem.
- Rio - Belém (com novas escalas).
- Rio - Caiena (Guiana Francesa); e respectivas escalas.
- Rio - Florianópolis; idem.
- Rio - Canoas; idem.
- Rio - Fernando Noronha; idem.

Há ainda outros aspectos do Correio Aéreo Nacional que merecem registro. Por exemplo, ele é o grande, o importante fator da intensificação da unidade nacional. Os nossos aviadores ao mesmo tempo que executam o treino militar cossem os céus do Brasil.

Neste século da técnica, em que os metais leves e os transportes aéreos estão preponderando, não resta dúvida de que a missão do Correio Aéreo Militar se reveste ainda de maior importância. Tudo dependerá das dotações orçamentárias. Quase sem recursos, ele tem levado para o nosso hinterland jornais, livros, vitualhas, remédios e técnica. Tem ajudado a debelar epidemias. E tem salvado vidas, trazendo doentes para serem tratados nos centros de maiores possibilidades.

Graças ao sangue generoso de muitos da brava gente do Correio Aéreo Nacional o Brasil cresceu na sua predestinação aviatória. Eles dormem o sono dos deuses no reino ambicionado da imortalidade. Os nomes desses heróis vivem em nossa memória e merecem o nosso respeito.

Florianópolis, máio.

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA
- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do
Professor Brandão Filho — Rio

Consultório:
RUA VIDAL RAMOS, 28

Consultas:
Das 9,30 - 12 e das 16,30 - 18

Telefone 1009

O Laboratório Radio Técnico

executa conserto de vosso radio com a máxima garantia e perfeição, a preços razoáveis.

Técnicos: B. BOUSON
H. SALOLOMONI
ex-radio-técnico da
Cruzeiro do Sul

Anexo oficina de conserto de máquinas de escrever

Rua Vitor Meireles, 18, - Salas 2 a 6

Oficina: Tiradentes, 22 A

J. Melchiades

REPRESENTAÇÕES

Rua João Pinto, 5 — End. Tel. «JOTTA»

— FLORIANÓPOLIS

— Caixa Postal 379

Distribuidor dos Produtos K N O T

A vitória de 1914, em Buenos Aires, na "Copa Roca"

Nelson Maia Machado

A seleção brasileira nunca havia jogado no estrangeiro. Estávamos em 1914. Obrigado a ir disputar inicialmente a «Copa Roca», na Argentina, para lá rumou nosso «onze». Sua organização foi quase a mesma da memorável vitória sobre os ingleses do Exeter City, em Julho daquele ano.

Formiga não pôde seguir e em seu lugar foi Milon, ponteiro do Santos Futebol Clube. Arnaldo, também do Santos e Bartolomeu, do saudoso Americano, tomaram o lugar de Osman e Abelardo, no ataque e Pernambucano, do Fluminense, ocupou o lugar de Rolando, na asa média esquerda.

Os restantes, pois, foram os mesmos que se impuseram aos ingleses: Marcos, Pindaro, Neri, Lagreca, Rubens Sales, Friedenreich e Osvaldo Gomes. A nossa seleção iria assim receber o seu batismo de fogo no estrangeiro.

Fortalecida com o seu triunfo sobre o Exeter City, dificilmente faria má figura em Buenos Aires.

Os argentinos, porém, estavam certos de vencer. Essa certeza aumentou muito porque antes da «Copa Roca» a nossa seleção enfrentara um outro combinado e foi batida por 3 a 0. Iriam vencer com a seleção A, pensavam os portenhos.

Mas veio a grande surpresa. O quadro brasileiro começou logo a revelar um valor desconhecido... A luta, inicialmente, assumiu um aspecto difícil e equilibrado.

Num ataque argentino, a bola chutada alta em direção à nossa meta, foi alcançada por Izaguirre (meia-esquerda), que a fez entrar no arco. O juiz brasileiro dr. Alberto Borgerth marcou o tento, mas os nossos jogadores acusaram um toque do seu autor. Este, cavalheirescamente, confessou a infração e o árbitro, com a aprovação dos próprios elementos locais, anulou o «goal» ilegítimo.

O jogo prosseguiu com ofensivas simultaneas e eis o grande lance do centro-médio brasileiro. Os avantes visitantes assaltaram a área local. Rubens

Sales, que acompanhava de perto a ação, ganhou a bola, e com um tiro de estilo inconfundível, fulminou o arqueiro argentino, de 30 metros. Que chute! Que «goal»!

O quadro nacional ganhou novo e maior estímulo, mas os argentinos, longe de desanimar, começaram a tornar mais impulsivos seus ataques.

A resistencia da defesa visitante, porém, foi aumentando.

Na etapa final a luta foi-nos muito desfavoravel, mas o resultado não se modificou. Os argentinos dominaram, fizeram pressão, atiraram muito ao arco sem contudo abrir bréchas na nossa defesa, que se cobriu de gloria ao manter inalterado o 1 a 0 da vitória.

Marcos, Neri e Rubens Sales foram carregados em triunfo no final do jogo.

A taça veio para o Brasil.

A venda avulsa de "Atualidades" é feita pela Agência Progresso, Praça 15.

Banco de Crédito Popular e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00

RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado n. 1, em 20 de Setembro de 1939

Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados: MASCOTE 1ª e 2ª edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E

ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado, repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais

Mantém carteira especial para administração de prédios

Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre) 2%

C/C Limitada 5%

C/C Aviso Prévio 6%

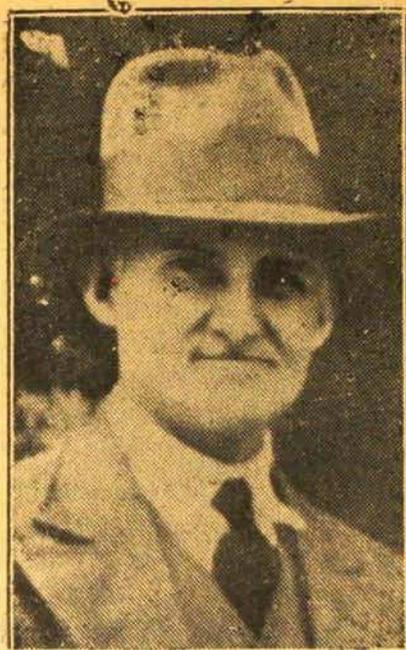
C/C Prazo Fixo 7%

Acelta procuração para receber vencimentos em tôdas as



ESCOLA NORMAL 'HAROLDO CALADO'

A Escola Normal regional do Estreito, com o senso inspirado na justiça, deu o Governo do Estado o nome saudoso de Haroldo Callado — brilhantíssimo colega de imprensa que, há 16 anos, a morte prematuramente colhia em nosso meio.



Haroldo, entre quantas virtudes que lhe enfeitavam o caráter e que a mais desestudada modestia se obstinava em esconder, teve a de cultivar e servir, mesmo sob o péso de sacrifícios enormes, o ideal. "Como definir o ideal?" — perguntava Rui. "O ideal não se define; enxerga-se por clareiras que dão para o infinito: o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interesses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime.

Disse o Cristo que o homem não vive só do pão. Sim; porque vive do pão e do ideal. O pão é ventre, centro da vida orgânica. O ideal é o espírito, órgão da vida eterna".

Haroldo Calado, de verdade, viveu mais de ideal. Por ele se bateu valorosa e bravamente; por ele sofreu a vingança física dos deuses de barro; por ele suportou estoicamente, com a serenidade dos fortes, a perseguição permanente dos que lhe não pouparam a liberdade de ter ideal.

Quando o vento rebelde quebrou

Escola Normal

"Adolfo Melo"

A propósito do nome de Adolfo Melo, nosso sempre lembrado conterrâneo e maestro, exímio violinista, que o Governo do Estado acaba de dar à Escola Normal de Caçador, como justa homenagem àquele musicista catarinense, colhemos as notas que se seguem.

JOÃO ADOLFO FERREIRA DE MELO (ADOLFO MELO)

NASCEU em 20 de Outubro de 1861, na cidade de São José.

FALECEU em 1º de Novembro de 1926, em Florianópolis.

Desde a mais tenra idade, mostrou uma grande vocação para a música e apesar de varios revezes políticos, que culminaram com a revolução de 1893, sempre cultivou a arte musical, dedicando-se especialmente ao estudo do violino, tornando-se, depois, um exímio executor, tendo tomado parte mesmo na Primeira Grande Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro em cuja Capital, porém, demorou muito pouco tempo, saudoso de sua terra.

Como funcionario público, ocupou varios cargos, entre eles, o de Tesoureiro do Tesouro do Estado e Diretor da Secretaria do antigo Conselho Municipal.

Despido das vaidades humanas, dedicava-se à sua familia e à arte musical. Fundou a orquestra sinfônica do Clube 12 de Agosto, que lhe deve a musica de seu hino. Compoz, também, a celebre marcha Irmão Joaquim, tocada pela primeira vez, pela então Banda da Força Pública do Estado, na inauguração do referido Asilo.

Deixou inumeras composições para violino e piano entre as quais, algumas que orquestrou, para diversos instrumentos.

Seu nome era conhecido no Estado natal e em todo o país, até onde chegaram suas composições musicais.

Dentre as que deixou, salientam-se, pela sua beleza e difficil execução, partituras de concertos, que enumeramos a seguir, além de arranjos sobre temas musicais, destacando-se por inimitavel, o canto do canario, com todas as

modulações e trinados, que sempre arrancava freneticos aplausos, quando executado nos concertos públicos.

Além do trabalho publicado e que mereceu aplausos da critica da época, intitulado "Pequena Arte da Expressão do Violino ou nuances que fazem a beleza da execução", que saiu impresso no ano de 1901, o maestro Adolfo Melo deixou as seguintes bellissimas composições, de difficil execução e cujos originaes bem como o violino se encontram em mãos de seu filho, jornalista Osvaldo Melo, que atendeu assim, um de seus últimos pedidos.

Romance e mazurka 1 e 2
Primicias (pequena fantasia)
op. I

Aria e Tremulo op. III
Capricho e Tarantela — op IV
Serenata — op V
Acalentando — op VI
Nostalgia — op VII
Os Pássaros — op, VIII
Reminiscencia — op. X
Tarantela — op. XI n. 2
Dança nas Selvas — op. XIII
Fantasia para Violino — op. XIV
Marechal de Ouro — op. XV
Meditação — op. XVI (n. 1)
Legenda — op. XVII
Rapsodia — op. XVIII
Dança fantástica — op. XX
Meditação — op. XXI (n. 2)
Canção — op. XXII
Ave Maria — op. XXIII.

Além dessas composições, existem, ainda varias outras nos arquivos de bandas de musicas do Estado inclusive da Policia Militar.

O ato governamental que deu à Escola Normal de Caçador o nome de Adolfo Melo representa também, com Justiça, no seio de uma tradicional e benquista familia da nossa sociedade, um de cujos membros, o meu prezado amigo jornalista Osvaldo Melo, filho do homenageado, é um dos nossos intelectuais de relêvo, sendo membro da Academia Catarinense de Letras e espirito de largo discernimento humanístico.

Se ricos quereis ficar
De modo facil e legal,
Fazei hoje uma inscrição,
no CRÉDITO MUTUO PREDIAL

os deuses de barro, Haroldo foi ainda maior na vitória do que havia sido na adversidade.

O nome seu, por isso, deve ser apontado às novas gerações como um grande exemplo de dignidade humana.

Dr.
A. DAMASCENO DA SILVA
ADVOGADO
Ações cíveis e comerciais
Esc.—Rua João Pinto, 5—Térreo
(Anexo ao jornal «O Estado»)
Florianópolis—Santa Catarina

Sociedade
Beneficiadora
de Madeiras
Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras

em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer

espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Campo Santo

Sôbre de rosas amarelas a pintura,
Deitado em leito negro e na ventura
De ser no chão do sono imóvel face,
A muda irrevelada formosura
No ritmo da paz guarda a figura
De íntimo segredo e me reveste
Em túnica talar de morta herança.

No lívido repouso da colina,
Voltado para o mar,
Hei de esperar-te o sôpro na tardinha,
Se a brisa freme rosas como agora
E o brando sol resvala nas corolas
Amarelado adeus de vã neblina.

MARCOS KONDER REIS

Rio de Janeiro

AOR S. RIBEIRO

Gritos!... passos apressados pelas ruas.
Um povo louco ou quasi louco
gira sôbre o asfalto numa ancia infinita.
Pelo espaço voam borboletas,
cigarras, passarinhos, ondas musicais, aeroplanos...
E a vida continua para o transeunte.
E a vida continua para mim.
E a vida continua para o leitor.
— Assim é o Rio de Janeiro dos meus dias... —

Saem mais livros dos prelos.
Os aviões da PANAIR fazem longos *raids*
para a França, Africa e até para as Pirâmides
[do Egito.
A Conferência dos Chanceleres Americanos continua.
E os trens correm soltando fumaça.
Os automoveis apitam e passam correndo.
Modelo o horizonte o Pão de Assucar.
Eleva-se no Espaço o Cristo Redentor.
E o Rio de Janeiro é sempre o Rio de Janeiro.

NOTA — O poema acima foi extraido do
livro NEGRO de autoria do poeta conterrâneo
Aor S. Ribeiro, residente na Capital Federal, O
jovem poeta que goza de grande estima nos meios
culturais da Capital da Republica é cronista de
arte, escultor e ilustrador da Revista Humoristica
«Espeto».

DRS.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas civeis, comerciais, criminaes, traba-
listas, contratos, naturalizações, consultas
e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

Sociais

Aniversários

«Atualidades», embora tardiamente, regista os aniversários de seus amigos, ocorridos em maio p. p.:

a 2: — sras. Hermosila Vieira e Dorvalina Boiteux; srs. dr. Djalma Moellmann e Jornalista Lidio Martinho Callado;

a 4: — sra. Helena Chaves Souza; srta. Onilda Cardoso; srs. dr. Abel Alvares Cabral e José Lino de Almeida Bastos;

a 5: — sra. Zilá Gevaerd Pereira; srs. Desembargador Medeiros Filho, dr. Marcílio Medeiros, João Pio da Silva; jovem Newton Nocetti; menino Ralf Vitor Krepski;

a 8: — sra. Juracy Pereira de Arruda; srta. Dalva Paiva; srs. dr. Norberto Bachmann, Tom Wildi, Oswaldo Clímaco; menina Berenice Cordova Vieira;

a 9: — sra. Alayde Alvim Aducci; sr. Cel. Aristiliano Ramos, Kurt Hering, Juvenal Farias e Fulvio Silva; menina Sueli Brito e menino Luiz Carlos Damiani;

a 10: — Sra. Laura G. Saboia; dra. Yeda Orofino; dr. Antonio Astrogildo Rodrigues;

a 11: — sra. Emerentina Souza Bastos; srta. Terezinha da Cunha Lamego; dr. Armando Ferreira Lima; menino Romeu Vieira;

a 12: — sras. Maria da Graça Stodieck e Stela Nocetti Bitencourt; sr. Mario Schmidt; menina Tânia Maria Lamego;

a 13: — srta. Maria Boehm; srs. Desembargador José Rocha Ferreira Bastos e Edmundo Grisard; menino Sergio Tavares da Cunha Melo;

a 15: — sras. Inês Monguilhot e Olga Margarida Carneiro; srs. Otomar George Boehm, Carlos Bayer e Isidro Costa;

a 16: — srs. vereador Osni Ortiga e professor Lourival Camara; Tenente Gilberto Silva; menina Maria de Lourdes Vieira e Dalva Lisboa;

a 17: — sr. Ricardo Pedro Goulart;

a 18: — sr. Eugenio Cordeiro Dutra; meninos Fernando Meira e Helio Vieira;

a 19: — sra. Miriam da Gama d'Eça Neves; srta. Ivonete Prates Faraco; sr. Jorge Daux; jovem Osvaldo Clímaco e menina Beatriz Batistotti;

a 20: sras. Marieta Correia e Zita Schlemper Batistotti; srta. Olga Voigt Lima; srs. tenente Euclides Simões de Almeida e Rodolfo Scheidemantel; menino Osmar João Silva e menina Alba Rodrigues Noronha;

a 21: -- dr. Tolentino de Carvalho, Prefeito de Florianópolis; menino Sidnei Iguatemy da Silveira e menina Marlene Bastos;

a 22: -- menina Neide Nocetti

a 23: -- sr. Acari Silva;

a 24: -- sra. Maria Afra Magalhães Lamego; sr.

a 25: -- srs. Nabuco Duarte Silva, Hipólito Pereira e Erico Couto; jovem Paulo Silva;

a 27: -- jornalistas Waldir Mendonça e Antonio Sbisca; menino Roberto Vieira;

a 28: -- jornalista Herminio Menezes Filho;

a 29: -- meninas Silvia Hoepcke da Silva e Maria Neusa Amante; jovem Luiz Carlos Bayer;

a 30: -- menina Içara Maria Nocetti;

a 31: -- sras. Nene Perfeito da Silva, Angela Faria e Iolanda d'Alascia Camisão.

A todos, os nossos sinceros parabens e votos de perenes felicidades.

Falecimentos

Da. CARMEN LINHARES COLONIA

Vitimada por acidente de onibus quando viajava em goso de férias, faleceu, a 8 do mês findo, a viuva do Coronel Rômulô Colonia, sra. Carmem Linhares Colonia.

Figura de projeção na sociedade catarinense, cujo nome se ligava a todas as obras de caridade que aqui se realizavam, a ilustre extinta fazia jus à estima geral. Coração bondoso, caridosa, sempre pronta a iniciativas filantrópicas, atenciosa, solícita para com todos os que dela se aproximassem, independentemente de cor, haveres e condições sociais, Carmen Linhares Colonia era querida e admirada de nossa gente.

A noticia da tragica ocorrência, por conseguinte, causou geral consternação, não só nesta cidade, como também em quase todo o interior do Estado

A família enlutada «Atualidades» envia sentidas condolências.

Registamos, com profundo pesar, o falecimento do sr. Gal. Acastro Jorge de Campos, ocorrido a 1.º de maio p. p. na Capital da Republica, bem como do sr. Americo Stamm, vitimado em desastre de avião em São Paulo.

JOÃO DA MATA BOUSON

Faleceu a 4 de Junho, no Hospital de Caridade, o sr. João da Mata Bouson, nosso colega de imprensa e pessoa geralmente estimada.

A família enlutada, os nossos sinceros pezames.

PELAS SOCIEDADES

Acusamos, agradecidos, o recebimento das seguintes comunicações:

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE DESPORTOS

O sr. Flavio Ferrari em officio de 19.5.48, comunica ter assumido o cargo de Presidente da FCD, em substituição ao sr. Alvaro Pereira do Cabo.

GRÊMIO CULTURAL «CID ROCHA AMARAL»

Foi eleita e empossada a nova Diretoria, para o periodo 1948|9, assim constituída:

Presidente de Honra: Dr. Cid Rocha Amaral; Presidente: Armenio Wendhausen; Vice-Presidente: Aldo Locatelli; 1.º Secretário: Valmir Müller; 2.º Secretário: Cirineu C. Costa, 1.º Tesoureiro: Elias O. Medeiros; 2.º Tesoureiro: Alfredo Goudel; Fiscais: Walmor Freccia, Alberto L. Almeida e Mario C. Moraes.

DEMOCRATA CLUBE

Foi eleita e empossada a nova diretoria, para o periodo 1948-49, composta dos senhores:

Presidente: Heitor V. dos Santos; Vice-dito: Mario Abreu; 1.º Secretário: Haroldo Brasil da Luz; 2.º Secretário: Emidacio Camara da Silva; 1.º Tesoureiro: Tiago Vieira de Castro; 2.º Tesoureiro: Mario Schmidt; Orador: Osvaldo Mello;

Conselho Fiscal: — Amadeu Siortino, Helio Cidade, Otilio Lisbôa, José Trilha;

Conselho de sindicancia: — Florisbela Silva,

Domingos Tonera, Alvaro Alves, Acioli Vieira.

Diretor artístico: — João Frainer.

Diretor da sede: — Nilo Marques Medeiros.

ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES

Foi eleita a nova diretoria, que ficou assim constituída: Presidente de honra — Mal. Mascarenhas de Moraes; Presidente — Nilson Vasco Gondin; Vice-Presidente — Armando Quadros; 1.º Secretário — Nestor Prazeres de Oliveira; 2.º Secretário — Wilson Garcez; 1.º Tesoureiro — Aurélio Gervasio Garcia; 2.º Tesoureiro -- Hugo Pedro Felisbino. Comissão Fiscal: Presidente -- João Batista Kovalski; 1.º Membro -- Manoel Linhares; 2.º Membro -- Osvaldo Camilli.

CENTRO ACADÊMICO «JOSÉ BOITEUX»

Foi empossada a diretoria, desse Centro, da Faculdade de Ciências Economicas de Santa Catarina, constituída dos seguintes membros; Gustavo Zimmer, --Presidente; Lourival Lisboa -- Vice-Presidente; Washington Pereira -- 1.º Secretário; Uri Coutinho -- 2.º Secretário; Aldo Vieira -- 1.º Tesoureiro; Raquel Bayer -- 2.º Tesoureiro; Murilo Rodrigues -- Bibliotecário; Silvio Damiani -- Diretor de Assistência; Ari Melo -- Dir. de Propaganda; Eugenio Vieira -- Dir. Dep. Cultural; João Makowieske -- Dir. Esportes e Acácio Tiago Orador.

Um pouco de HUMORISMO



ANATOLE E RUY

Quando estive no Rio de Janeiro. Anatole France foi homenageado com uma sessão solene na Academia de Letras. Saudou-o, o grande Ruy, que traçou um perfil magistral do notável escritor francês sem omitir, entretanto, algumas falhas e incoerências que julgou haver na sua filosofia materialista. Conta, depois, o secretário de Anatole, que, expressando ao autor de «Thais», sua opinião de que o tribuno brasileiro havia desfolhado sobre a sua fronte uma verdadeira corôa de rosas, ele respondera: Sim, creio que de rosas, pois bem lhe senti os espinhos...

OTIMISMO

Um orador, no auge da peroração, aludiu ao esplendido «otimismo da mocidade», ao que retrucou um ouvinte:

— «Pudera! Ela julga ter tempo para reparar os seus descertos».

PRÁTICA ... DA RELATIVIDADE

Oliver Wendell Holmes, ministro do Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos, conservou sempre, a saúde e o vigor até aos 92 anos, idade em que faleceu. Já no último ano de sua vida, ao encontrar e cumprimentar uma famosa senhora de suas relações, disse-lhe galanteador:

— «Ah! O que eu daria para voltar à flor dos meus... 70 anos!»

E' PARA NOS TRES!

Certo rapaz da cidade, indo passar umas férias no interior de São Paulo, para mexer com um matuto que no momento passava puxando um burro perguntou-lhe;

— Onde vão vocês dois! E o matuto respondeu;

— Cortar capim para nós três..

NEGOCIANTES

Dois negociantes gabam seus respectivos negocios. Diz o primeiro:

— Eu faço tanto dinheiro e o movimento de minha casa é tão grande, que, só em selos para a correspondencia, gasto mil cruzeiros por dia!

— E eu — exclama o segundo — tenho uma firma tão importante que, na contabilidade, para se ir do «Deve» ao «Haver», tem-se que tomar um taxi.

NAPOLEÃO E OS BOFETÕES

O imperador Napoleão I foi esbofetado, duas vezes, por mãos femininas, por ser grosseiro e atrevido: da primeira vez, pela senhora de Rauchand, que foi desterrada juntamente com seu marido; da segunda, pela marechala Duroc, duquesa de Frioul, espanhola de nascença e filha de Martinez Hervás. O imperador não tomou a sério a bofetada

da e dirigindo-se a Duroc, disse-lhe:

— Duque, bem se vê que tua mulher é espanhola.

SO' TINHA UM DEFEITO

— Senhorita, eu não bebo não fumo, sou serio e trabalhador.

— Quer dizer que o senhor não tem nenhum defeito?

— Só um: sou um pouco mentiroso...

CICLISTAS ESPANHÓIS

— Quando eu ando na minha bicicleta, nem minha sombra me segue.

— E a mim nem a própria bicicleta acompanha...

COMENDO FRANGO

— Oba! Você jantando frango, hein?

— Eu? Meu caro, tive que matá-lo por não poder sustentá-lo...

TROCA DE NOMES

A cartomante — Sua vida é dominada por Venus.

O cliente — A senhora está muito enganada. Minha mulher se chama Gabriela...

NO CEMITERIO

— Por que morreste? Por que? — soluçava o homem diante do tumulo.

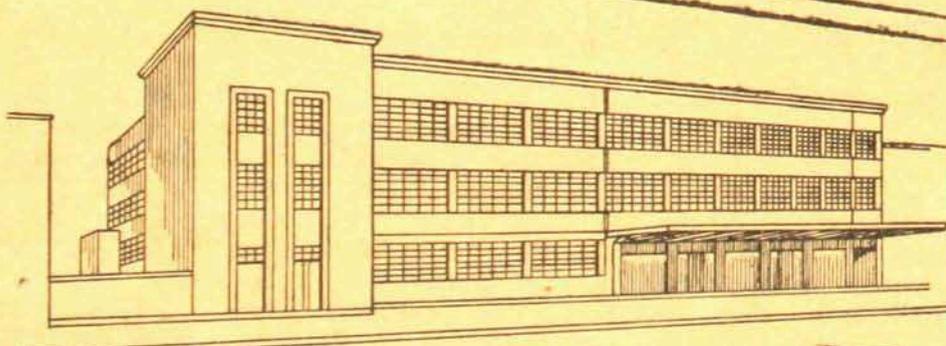
Comovida, a senhora lhe perguntou:

— Era sua mãe?

-- Não. Era o primeiro marido de minha esposa...

Drogaria e Farmacia "Catarinense" S. A.-

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SÉDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE

STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS: FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n° 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n° 508
BRUSQUE - Av. João Pessoa, n° 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 58

Distribuidores para o Estado de S. Catarina dos produtos dos laboratórios:

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.
Laboratório Xaviér
Quimica Baruel Ltda.
E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
Johnson & Johnson do Brasil, Prod. Cirúrgicos
Laboratórios Andrômaco S. A.
A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
Bernard Bruggemann (Perl-It)
Perfumaria Anhangá Ltda.
Laboratório Vitex Ltda.
Renato Guimarães (Safrol etc.)

CRUZ E SOUZA

Euclides Fernandes

O pensamento simbolista, com fontes remotas em Platão, no que lhe constitue a base filosófica, — teve, na individualidade inconfundível de CRUZ E SOUZA, uma das mais belas expressões da história literária do ocidente.

A sua poesia, cintilante e sugestiva, revela a elevação de sua alma e a delicadeza de seus afetos. A filosofia que, por vezes, transuda do seu estro poético, revela o escravo — latente em Cruz e Souza — que constitue o caso único de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. A sua origem africana imprimira-lhe na alma e no sentimento a transfusão poética — transfusão de poesia de um sangue em outro sangue, de uma raça em outra raça. Dessa origem ele herdou, por certo, o seu profundo sentimento — fonte de vicissitude e fortuna, inseparáveis companheiras do POETA NEGRO, cujos versos marcaram, muitos, "o estertor verbal de um pensamento de martir, regougando, como pudesse, associando o gemido à palavra ideativa, consorciando, num convívio trágico, a dor moral e a expressão literária".

Em Nestor Vitor teve o poeta um grande e sincero amigo, a cuja amizade e incentivo ele muito deve. Houve, mesmo, entre ambos, um grande amor espiritual, o maior, talvez, da nossa história literária. Penetrou, assim, o pensador de FOLHAS QUE FICAM, nos segredos e no sentimento da alma do Poeta Negro, cuja personalidade e arte ele defendeu e sobre as quais muito escreveu. Diz Nestor Vitor na introdução das OBRAS COMPLETAS do poeta: "O certo, no entanto, é que a obra completa do Poeta Negro, essa é que define o seu fenómeno tal qual ele foi, e essa é que lhe dará volume, complexidade, transcendência, para que o consideremos, sem preocupação local, como um dos maiores poetas que a corrente simbolista foi capaz de produzir".

Também Sílvia Romero, na "História da Literatura Brasileira", estudando a obra do grande poeta, com a sua reconhecida autoridade,

diz: "A sua alma cândida e seu peregrino talento deixaram sulco bem forte na poesia nacional. Morreu muito moço, em 1898, quase ao findar deste século, e nele achasse o ponto culminante da lírica brasileira após quatrocentos anos de existência."

Tasso da Silveira, José Veríssimo, Hermes Fontes, Manuel Bandeira, Eloi Pontes, Jorge de Lima; Cecília Meireles e tantos outros, ocuparam-se em estudos conscienciosos, do nome e da poesia de Cruz e Souza.

Como se não bastasse a opinião nacional — Roger Bastide, grande esteta e sociólogo francês, da Universidade de São Paulo, possuidor de vasta e profunda cultura literária, submeteu a poesia de Cruz e Souza a profunda análise, em puros termos de crítica objetiva e de literatura comparada. Voltando à tona, após demoradas pesquisas no fundo do oceano imenso em que mergulhava, Bastide mostrou a pérola de rara beleza que ele encontrava: a poesia do Poeta Negro. "Poesia de beleza única, pois que é acariciada pela asa da noite e, todavia, lampeja com todas as cintilações do diamante", diz o exegeta francês.

Estudando-a, como expressão suprema do movimento simbolista, ao lado da poesia de Stefan George e Mallarmé — paralelo a que dificilmente se aventuraria a crítica indigenia — situa Bastide a poesia do Poeta Negro de maneira magnífica no panorama da poesia do mundo.

Florianópolis então cidade do Destêrro, situada na ilha de Santa Catarina — aquela ilha encantadora, beijada pelas águas azuladas do Atlântico e cantada por Araujo Figueiredo, com o estro e o sentimento de sua alma de poeta — foi o berço humilde e carinhoso do grande simbolista. Berço, também, que embalou os sonhos poéticos de LUIZ DELFINO — seu irmão pelo ideal.

Filho de dois negros escravos, nasceu João da CRUZ e SOUZA a 24 de novembro de 1861, no Destêrro, e morreu a 19 de março

de 1898, na cidade de Sítio, em Minas Gerais, sob cujo céu acolhedor ele passou, torturado pela tuberculose, os derradeiros dias de sua existência.

Os seus 37 anos de vida constituem, por si, um rosário de sofrimento. Percorreu Cruz e Souza, em longa peregrinação, o norte e o sul do país, como "ponto" de uma companhia dramática. De volta ao Rio, continua a sua luta: casou, teve filhos, viu a mulher enlouquecer, conheceu o negror da miséria, acabando por contaminar-se do terrível mal que o roubou à vida.

Além de outros estudos, foram publicadas as seguintes obras do Poeta Negro: em versos — BROQUEIS — FARÓIS — ÚLTIMOS SONETOS; em prosa — MISSAL — EVOCAÇÕES.

Comemorando, em 19 de março último, o CINQUENTENÁRIO de sua morte, várias homenagens foram prestadas, na sua terra natal, à memória do inesquecível poeta, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina — associação que honra as nossas tradições de cultura, e demais associações culturais da terra de Cruz e Souza.

Prestamos — aqui — a nossa modesta colaboração ao cinquentenário da morte do poeta insigne.

A obra literária de Cruz e Souza não é, ainda, suficientemente conhecida, mesma pelos que se dedicam às cousas do espírito. A exigua edição de suas obras não tem permitido o conhecimento delas. É uma providência a ser tomada, uma iniciativa que cabe principalmente — aos catarinenses, ao seu governo, às suas instituições culturais. Poderiam, assim, os que não o conhecem, alargar os horizontes de sua cultura e deliciar o espírito na leitura e na meditação do maior poeta simbolista que o Brasil conheceu.

É este o nosso apêlo.

(Do jornal ilustrado CLAN, órgão oficial do Centro Acadêmico "Horácio Berlinck", da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo)

CASA

FOTO-AMADOR

G. Scholz

Rua 15 de Novembro, 596

Telefone 1010

BLUMENAU

EMPRESA COMERCIAL

R. GROSSENBACHER S. A.

BEBIDAS - ARMARINHOS - FERRAGENS

-:- Comércio por Atacado -:-

IMPORTAÇÃO -:- EXPORTAÇÃO

Rua 15 de Novembro, 857 - C. Postal, 15

BLUMENAU

CRESCE O NÚMERO DE EMPREGOS NOS ESTADOS UNIDOS

Washington (USIS) — Espera-se que o nível dos empregos nos Estados Unidos alcançará o seu ponto mais alto da história, este verão, passando além do record do ano passado de 60 milhões de posições.

O Departamento do Trabalho anunciou que tanto o total de empregos como o número de empregados em estabelecimentos não agrícolas, em março, foram a mais de 1 milhão além do número correspondente, em março de 1947.

"Si durante a próxima primavera a economia seguir simplesmente o padrão normal da estação, de aumento das construções e da agricultura e quedas nas atividades textéis e de vestuários é evidente que no início deste verão os empregos alcançarão um novo ponto alto superior ao record de 60 milhões do ano passado", disse a declaração do Departamento.

A expansão das forças de trabalho, que já era vista como virtualmente em "completo emprego", aumentou amplamente com chegada de cerca de 1 milhão de veteranos da guerra e mais um número aproximado de 800.000 mulheres. Segundo os estudos do Departamento do Trabalho, mais trabalho pode ser ainda utilizado dessas duas fontes. Há ainda mais de 1 milhão de veteranos, agora em escolas, ocupados o dia todo, e um grande número deles completará seus cursos esta primavera.

A declaração diz que esse nível record de empregos ainda não teve a influência dos planos de auxílio ao exterior nem das propostas medidas de defesa, mas baseia-se largamente em uma contínua e forte procura. (Do original: U. S. employment figures increase. Wirebul) rg.C.

BANCO DE CRÉDITO POPULAR E AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

(Reg. sob n. 1 no Ministério da Agricultura, em 20-9-1938)

RUA TRAJANO N. 16 — (Edifício próprio) — FLORIANÓPOLIS

Capital realizado 1.703.000,00
Fundo de reserva 7.320,30
Reserva para depreciações 898,70

RELATÓRIO DA DIRETORIA

Senhores acionistas:

O Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina foi fundado em 11 de abril de 1927, como sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, e registrado no Ministério da Agricultura, sob número 1, em 20 de setembro de 1938. É desse Banco, que, conforme determinam os estatutos e disposições legais vigentes, vimos apresentar, nesta assembléia geral ordinária, o balanço de ativo e passivo, e prestar contas dos atos da diretoria.

E, pois, em obediência a tais preceitos, que nos fazemos aqui presentes, para, linhas a seguir, dizer-vos dos resultados proporcionados ao Banco pelas operações realizadas durante o ano de 1947.

Empréstimos e descontos — Esta carteira encerrou o exercício de 1947 com um movimento de Cr\$ 4.343.122,50.

Depósitos em contas-correntes — Elevaram-se, no aludido exercício, ao montante de Cr\$ 3.625.888,60.

Capital — Integralizado, em 31 de dezembro de 1947, Cr\$ 1.703.000,00, sendo representado por ações em obrigatórias e ações subscritas espontaneamente.

Caixa — Em 31 de dezembro de 1947, apresentava o seguinte saldo: Numerário em Caixa, Cr\$ 285.547,60, e em depósito, à disposição, no Banco do Brasil, Cr\$ 204.005,30 — no total de Cr\$ 489.552,90.

Lucros e dividendos — O lucro bruto, no referido exercício, foi de Cr\$ 586.468,70, e líquido Cr\$ 121.088,80.

Com esse resultado, distribuímos dividendos na base de 5% (máximo permitido pelos estatutos), aos acionistas obrigatórios (de Cr\$ 50,00), e de 7% aos acionistas maiores, inseridos espontaneamente.

Contabilidade — Os nossos serviços de contabilidade funcionaram em perfeita ordem e com todas as suas seções rigorosamente em dia.

Conselho fiscal — Reuniu-se na forma dos estatutos.

Cobrança por conta de terceiros — O nosso movimento de cobranças, por conta de terceiros, atingiu, em 1947, a apreciável cifra de Cr\$ 1.068.616,20.

Transformação para sociedade anônima — Continuamos aguardando a aprovação do projeto de reorganização do sistema bancário nacional, ora em discussão na Câmara dos Deputados, e já votado pela Comissão de Indústria e Comércio, da mesma Câmara, para efetivar a nossa transformação (já autorizada pelo Ministério da Agricultura), em sociedade anônima.

Apresentando-lhes, assim, este modesto relatório, do qual faz parte integrante o parecer do conselho fiscal, resta-nos apenas externar, a todos, os nossos melhores agradecimentos, pela preferência que nos têm dado, em seus negócios, e a confiança com que temos sido distinguidos.

Florianópolis, 29 de março de 1948.

Charles Edgar Moritz, presidente.

Lourival Maia de Almeida, diretor-gerente.

Alvaro Millen da Silveira, diretor-secretário.

BALANCETE EXTRAÍDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1947

ATIVO		
A — DISPONÍVEL		
Caixa	285.547,60	
Banco do Brasil	204.005,30	489.552,90
B — REALIZÁVEL		
Saques descontados	94.922,10	
Letras descontadas	4.248.200,40	
Empréstimos funcionários	24.608,80	
Devedores e cred. diversos	3.267,20	
Tít. e val. mobiliários:		
Apólices e obrig. federais	12.000,00	
Apólices estaduais	3.100,00	
Valores em liquidações	81.254,50	
Outros valores	89.700,00	4.557.052,80
C — IMOBILIZADO		
Imóveis de n/propriedade	422.992,50	
Móveis e utensílios	178.630,00	
Material de expediente	32.305,30	633.927,80
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Efeitos à cobrança	272.656,90	
Cobranças no interior	122.673,70	
Valores diver. caucionados	56.690,00	
Títulos de Capitalização	850.000,00	1.302.020,60
		6.982.554,10
PASSIVO		
Capital	1.703.000,00	
Fundo de reserva	7.320,30	
Reserva para depreciações	898,70	1.711.219,00
G — EXIGÍVEL		
Depósitos		
A vista e a curto prazo:		
C/c sem limite	1.645.765,40	
C/c limitados	382.592,70	
C/c sem juros	1.833,10	
A prazo:		
Conta prazo fixo	825.913,40	
Conta de aviso prévio	769.784,00	3.625.888,60
H — OUTRAS RESPONSABILIDADES		
Correspondentes	183.228,40	
Ordens de pagamento	13.877,10	197.105,50
I — RESULTADOS PENDENTES		
Contas de resultados		146.320,40
J — CONTAS DE COMPENSAÇÃO		
Saques desc. em cobrança	94.922,10	
Cobrança p/c. de terceiros	300.408,50	
Depôs. de valores em gar.	56.690,00	
Capitalização diversos	850.000,00	1.302.020,60
		6.982.554,10

Florianópolis, 31 de dezembro de 1947.

Charles Edgar Moritz, presidente.

Lourival Maia de Almeida, diretor-gerente.

Alvaro Millen da Silveira, diretor-secretário.

Nicolau Grillo, técnico-contabilidade, reg. n.

Escritório Imobiliário

A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35

-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA "LUCROS E PERDAS", EM 31 DE DEZEMBRO DE 1947

DÉBITO	
Despesas gerais	38.430,60
Material de expediente	2.328,30
Juros passivos	156.234,10
Telegramas e fonogramas	341,00
Ordenados e gratificações	246.214,00
Impostos	27.833,90
Dividendos	117.492,00
Fundo de reserva	1.797,40
Reserva para depreciações	898,70
Fundo obras ação social	898,70
	Cr\$ 586.468,70

CRÉDITO	
Diversas rendas	62.710,40
Juros e descontos	499.275,90
Comissões	24.482,40
	Cr\$ 586.468,70

Florianópolis, 31 de dezembro de 1947.

Charles Edgar Moritz, presidente.
Lourival Maia de Almeida, diretor-gerente.
Alvaro Millen da Silveira, diretor-secretário.
Nicolau Grillo, técnico-contabilidade, reg. n.
71.002.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em cumprimento ao disposto no artigo 44, dos estatutos do Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina, e na qualidade de membros do conselho fiscal do mesmo Banco, tendo examinado minuciosamente todas as contas e documentos referentes ao exercício de 1947, observamos a mais perfeita ordem e clareza na sua escrituração, sendo todos os documentos devidamente legalizados, julgando por isso de parecer sejam aprovados não só as contas acima aludidas como também todos os atos praticados pelo conselho de administração.

Florianópolis, 29 de março de 1948.

Alvaro Soares de Oliveira
Manoel Gonçalves
Nilo Laus

Ata da assembléia geral ordinária, em segunda convocação, do Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina

Aos vinte e nove dias do mês de março do ano de mil e novecentos e quarenta e oito, às dezessete horas, na sede do Banco de Crédito Popular e Agrícola de Santa Catarina, à rua Trajano número 16, reuniram-se os senhores membros do conselho administrativo e conselho fiscal, que a presente subscrevem, e acionistas constantes do livro de presença, do Banco, para em segunda convocação, conforme publicação feita no "Diário Oficial do Estado", em seus números de 19, 22 e 23 do corrente, para tratar sobre a aprovação do balanço geral do exercício de mil e novecentos e quarenta e sete; leitura do relatório do conselho de administração e do parecer do conselho fiscal; e eleição do conselho fiscal. O senhor presidente Charles Edgar Moritz, assumiu a presidência da assembléia e convidou a acionista Irene de Oliveira, para secretariar os trabalhos. Lidas as atas das sessões do conselho administrativo, realizadas no exercício de 1947, foram as mesmas aprovadas, sem restrições. Com a palavra o senhor presidente, o mesmo leu o relatório sobre a sua gestão, no ano de mil e novecentos e quarenta e sete, sendo o mesmo aprovado unânimemente, ficando o dito relatório fazendo parte integrante, em anexo, desta ata. Em seguida, apresentado à assembléia e ao conselho fiscal o balanço do exercício de mil e novecentos e quarenta e sete, e os respectivos documentos, foram aprovados, sem reservas, pelo conselho fiscal, o qual recomendou também à assembléia que os aprovasse, o que foi feito unânimemente. Foi também lido e aprovado pela assembléia o parecer do conselho fiscal. Em seguida, passou-se à última parte da reunião, que consistiu na eleição do conselho fiscal, ficando o mesmo assim constituído: membros efetivos: Osny da Gama Lobo D'Eça, Rogério Gustavo da Costa Perelra e Osvaldo dos Passos Machado; suplentes: Neogênio Grillo, Nicolau Estefano Savas e José Meira. Terminado esse ato, a assembléia delegou poderes a sete acionistas para formarem uma comissão, afim de, em nome de todos os acionistas presentes, assinarem esta ata juntamente com o conselho de administração e conselho fiscal. E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a presente sessão de assembléia geral ordinária, tendo o senhor presidente agradecido o comparecimento de todos os presentes. E eu, Irene de Oliveira, secretária da assembléia, lavrei a presente ata no respectivo livro, a qual vai por mim assinada. Florianópolis, 29 de março de 1948. Irene de Oliveira.

Charles Edgar Moritz, presidente; Lourival Maia de Almeida, diretor-gerente; Alvaro Millen da Silveira, diretor-secretário; Alvaro Soares de Oliveira, conselheiro; Manoel Gonçalves, conselheiro; Nilo Laus, conselheiro.

Por delegação da assembléia — Elpidio Fragoso, Edgar Arruda Salomé, Nicahor Sousa, Tertuliano Cardoso, Joel Moura, Domingos Fernandes de Aquino e Ernesto F. A. Damerau. (722)

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:
E. I. KUEHNE

—o—

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00
Número avulso Cr\$ 1,50

Anúncios de acôrdo com a
tabela de preços

—o—

"ATUALIDADES" acolherá de boa vontade todos os originais, não se responsabilizando, porém, pelos conceitos emitidos em artigos etc. assinados.

Os originais — mesmo os não publicados — ficarão em poder da Redação.



Bazar de Médas

Rua Felipe Schmidt, 34 - Fone 755
Teleg.: M A F R A
FLORIANOPOLIS

Confecções e alta costura administrada por competente profissional.

Apresenta sempre as ultimas novidades em cortes de sedas e lãs nacionais e estrangeiras, bolsas, luvas, etc.

Trajes sob medida

Guaspari

Restaurante Lira Tennis Clube de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de 18,

Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para homenagear uma família ou amigos de fóra

José Espíndola Ferreira

Embora seja, ainda, completamente desconhecido, no mundo literário, o nome de José Espíndola Ferreira está fadado a fazer sucesso entre os admiradores dessa desprezada joia da nossa literatura que immortalizou o autor de «Microcosmo», o poeta-filósofo Hermes Fontes.

Figura simples e simpática, José Espíndola Ferreira, conta apenas 19 anos de idade e nasceu na cidade de Laguna, onde reside.

Desde menino, que se dedica às letras, não só escrevendo versos como também peças teatrais, contos e crônicas, não tendo oportunidade de aparecer em jornais ou revistas, dada a modéstia de que é possuidor.

Como poeta, há um infinidade de poemas que o autor pretende enfeixar em um volume simplesmente intitulado: — «VERSOS BANAIIS», — onde o jovem poeta reuniu um punhado de versos, dos mais sutis, dos mais harmoniosos e belos de sua coleção.

Como prosador, José Espíndola Ferreira, tem diversos contos, crônicas e peças teatrais, entre as quais — «TRISTE VALSA», — recentemente adaptada, pelo autor, para o rádio e que a emissora de Laguna oferecerá, dentro em breve, aos ouvintes de seu rádio-teatro.

«Atualidades», dentro do seu principio, se ufana de ser o primeiro órgão de imprensa em apresentá-lo ao publico.

Ha nos versos de José Espíndola Ferreira, — dos quais damos uma pequena amostra — uma verdadeira orgia de luz, de sons e de cantares, o que vem demonstrar, mais de perto, o luzeiro de sonhos que é a alma de todos os poetas:

Reflexão

José Espíndola Ferreira

Depois de tantos anos de tormentos,
Resistindo a tantas ilusões,
Vens hoje me fazer tais juramentos,
Causando-me as maiores emoções.

Depois de tanto tempo d'amargura,
Com os olhos já cansados de chorar,
Cheguei a conclusão, vil creatura,
Que não devia eu tanto de amar.

Nem sei mesmo, porque à minha frente
Te ajoelhas, anjo da maldade,
Se vens despida de fidelidade!...

Deusa dos meus amores

José Espíndola Ferreira

Cantar a tua beleza num poema
É impossível, oh! Lyanni formosa...
Eu bem sei que és mais linda que Moêma,
Pois tú tens a perfeição de uma rosa!...

Dos meus amores és a «Deusa» mais real,
Da minha existência o motivo...
Tens nesses olhos expressão angelical...
Oh! Lyanni, só do teu olhar eu vivo!...

Eu não quero externar o meu desejo,
Para que tú não me julgues um ousado...
E por isso, meu amor, quando te vejo,
Sinto-me muito e muito desgraçado!...

Se soubesses como eu me senti feliz
Quando mexeste comigo da janela!...
Mas tú não sabes, pois o meu rosto não diz
O que eu senti naquela tarde bela!...

Se soubesses, oh! Lyanni, como sofre
Quem ama e espera a um coração,
Dar-me-ias o teu amor e, de chofre,
Morreria essa tua indecisão!...



CASTULIO DO AMARAL
Engenheiro Civil
Casas prefabricadas — casas econômicas — casas populares
Loteamento — Arruamento
Engenharia Sanitária
Rua Raymundo Correia, 81
ESTREITO
Caixa Postal 9 — Florianópolis

Mate é a mais saudavel e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notaveis cientistas do mundo.

Tomar MATE é garantir a saude!

Homenagem ao Cmte. Alvaro Cabo

Teve lugar, a 19 de Maio no Clube Doze de Agosto, o grande jantar oferecido ao ilustre e valoroso militar Capitão de Fragata Alvaro Pereira do Cabo, pelo seu numeroso círculo de amigos e admiradores, por motivo de sua transferência da Chefia do Estado-Maior do 5º Distrito Naval, sediado nesta capital, para outra alta missão com que foi distinguido no Ministério da Marinha.

Ao ágape, em feliz improviso, expressando os sentimentos dos presentes, o sr. prof. Flávio Ferrari disse da grande admiração e profunda amizade que o homenageado, pelo seu cavalheirismo e espírito voltado a realizações em prol do progresso da nossa terra, deixava entre nossa gente, lamentando todos a sua ida.

Agradecendo, tão confortadora homenagem, o sr. Comandante Alvaro P. do Cabo, proferiu, vivamente emocionado, a seguinte bela e expressiva oração que aqui prazerosamente transcrevemos:

"Emocionado agradeço sinceramente as palavras carinhosas e fraternais do vosso intérprete, que com frases multicores, sintelizou na sua brilhante oração e no seu entusiasmo oratório, os sentimentos da vossa gentileza e bondade.

Não sei mesmo o que mais me emociona e confunde, se a alegria ou a tristeza. Ambas invadiram e se apossaram do meu íntimo.

Sinto-me alegre, pois noto que as sementes lançadas, no estreitamento mais íntimo das relações amistosas entre a terra Barriga-Verde e a nossa Marinha germinaram, e a árvore está produzindo os seus frutos, sinto-me triste porque afasto-me, deixando êsses tão sinceros amigos, deixando êsse convívio tão meu, tão do meu íntimo. Não posso nem devo ser egoísta, é necessário que outros venham e pessoalmente conheçam quão hospitaleira, quão gentil é a terra de Anita Garibaldi, o torrão de Boiteux, o berço do grande Victor Meirelles, é necessário que outros venham para que mais tarde repitam o que constantemente ouvimos dos nossos chefes, "Santa Catarina é uma jóia do Atlântico e o povo com a sua afabilidade, bondade e carinho conquista facilmente aqueles que aqui aportam, com esperança de breve regresso e que dominado pelo feitiço dos sentimentos catarinenses, aqui vão ficando.

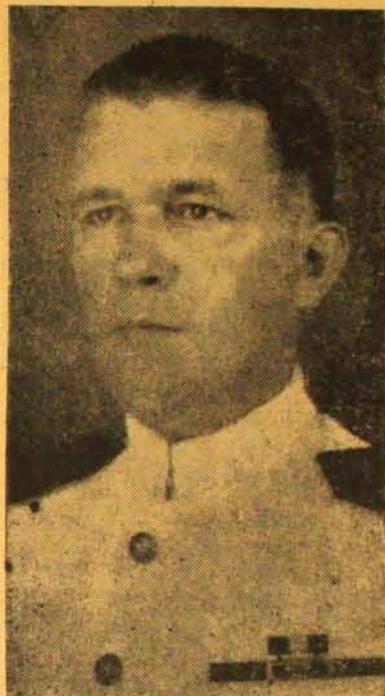
Para mim, nunca foram, surpresa, essas afirmativas, pois convivi mais de cinco anos num pedaço alegre, e bem brasileiro, do torrão catarinense: São Francisco do Sul, Cidade que ainda hoje o seu nome está muito ligado à minha existência. Dias aí passados, que ainda me recordo com saudades e carinho. Voltar a tão abençoada terra Barriga-Verde, sempre foi o meu desejo. E a minha alegria foi enorme, quando fui convidado para Chefe do Estado Maior do 5º Distrito Naval. Eis que mais uma oportunidade tive de convosco conviver mais de um ano, e estreitar ainda mais os laços de amizade com essa terra tão carinhosa, e

de aumentar ainda mais o meu círculo de sinceras e francas relações.

Há certas emoções na vida, caros amigos, que nunca serão esquecidas, há certos panoramas na existência dum ente que nunca se apagarão da retina.

Eis o que está sendo proporcionado, nesse momento, a quem vos fala.

Percebo, perfeitamente, que jamais essas palavras exprimirão o



que se passa no meu íntimo, nesse instante.

A verdadeira alma do marinheiro, franca, sincera e muitas vezes rude, quando deseja se expressar, diz o que sente, empregando as palavras mais simples, sem precisar procurar na multicoloridade das frases enganar-se a si mesmo.

E com essa sinceridade, bem maruja, declaro que nunca me esquecerei de vós, caros amigos, que tão gentis fosteis, não me esquecerei jamais dessa terra tão bondosa. O seu nome ficará gravado sempre na minha família, pois além da minha esposa, ainda levo um garoto, nascido sob o sol dardejante, sob o céu azul catarinense. Filho a quem saberei ensinar sempre amar e a muito querer êsse pedaço do nosso grandioso país.

Finalizando, desejo mais uma vez agradecer êsse vosso gesto, amigo e fraterno, e oferecer-vos os meus préstimos na Capital da República. Levantando a minha taça, bebo à saúde e felicidade dos prezados amigos e exmas. famílias e apelando sincera e lealmente para que estejamos sempre coesos na defesa dos interesses catarinenses, que são os próprios interesses do nosso glorioso Brasil.

Terminando, o prezado militar teve o ensejo de receber as mais calorosas felicitações dos numerosos presentes que, assim, lhe manifestaram o seu grande apreço e amizade.

Subscreveram a lista de adesão ao jantar os srs. dr. Aderbal R. da Silva, Governador do Estado; dr. José Boabaid, presidente da Assembléia Legislativa; des. Urbano Müller Sales, presidente do Tribunal de Justiça; drs. Armando Simoni Pereira, Oton d'Eça, Leoberto Leal e João David Ferreira Lima, Secretários d'Estado; Celso Ramos; comte. Plínio Fonseca Cabral, comte. Mauro Balloussier, dr. Augusto de Paula, dr. Polidoro S. Thiago, jornalista Jairo Callado, vereador Osni Ortiga, Artur Rosa Filho, José Costa Vaz, Tomaz Chaves Cabral, Charles Edgard Moritz, Flávio Ferrari, João Miroski, Antônio Salum, jornalista Hélio Milton Pereira, cel. Lopes Vieira, comte. Roberto Andersen, Gustavo Lehmkühl, dr. Raul Caldas, Orlando Scarpeli, Walter Lange, dr. Osmar Cunha, Haroldo Pessi, João Alcântara da Cunha, Sebastião Neves, des. Flávio Tavares, vereador Balista Pereira, dr. Tolentino de Carvalho, prefeito da capital, deputado Ilmar Corrêa, presidente da L. B. A.; jornalista Sidney Nocetti, Solon Vieira, vereador José do Valle Pereira, jornalistas Gustavo Neves e Pedro Paulo Machado; Miguel Daux, jornalista dr. Rubens de Arruda Ramos, José Elias, Demerval Amaral, vereador Guido Bolt, deputado João José Cabral, capitão aviador Rafael Leocádio dos Santos, dr. Paulo Tavares, dr. Benoni Laurindo Ribas, Osni Gamma d'Eça, deputado Osvaldo Buleão Viana, Nelson Nunes, professor Lídio Martinho Callado, Ulisses Cunha, Narbal Vilela, jornalista Waldir de Oliveira Santos, Joel Lange, Lourival Almeida, dr. Domingos Bezerra Trindade, Carlos da Costa Pereira, vereador José Bonaçsis, dr. Afonso Veiga, dr. Arno Pedro Hoeschel, jornalista Petrarcha Callado, Hermes Guedes da Fonseca, Acary Silva, dr. Abelardo da Silva Gomes, Aarão Cunha, José Gusmão de Andrade, Alvaro A. Vasconcelos, pelo Lira Tennis Clube; José Glavam, pelo Clube Doze de Agosto; dr. Carlos Gomes de Oliveira, dr. Madeira Neves, dr. Wilmar Dias e dr. Haroldo Pederneiras.

«A Pefisqueira»

O ponto de Apiritivos N. 1

de Florianópolis

Bebidas nacionais e estrangeiras

Petiscos em geral

Rua João Pinto, 19

Fone 1428

Heróis de Tuiuti

24 de maio de 1866...

O dia despontou envolto em densa bruma, formando uma espessa cortina sobre a fecunda e mística mata de Estero Rojas e adjacências... a derrocção, muito baixa e muito forte, cobria todo o campo de Tuiuti...

Aos poucos se foi dissipando a cortina brumosa, se foi diluindo até que um sol rubro começou a surgir.

o gargalhar satânico das metralhas, justamente no dia em que completava o seu 56º aniversário natalício!

No momento mais angustioso da luta, quando a vitória já sorria aos fanáticos soldados do "El-Supremo", surgiu OSÓRIO, e com ele, guerreiros intrépidos sob os comandos de ARGOLO, GUILHERME XAVIER, JOSÉ LUIZ BENNA BARRETO, FERNANDO MA-



MANOEL LUIZ OSÓRIO
General do Exército e Marquês de Herval Patrono da Cavalaria
10. V. 1808 — 4. X. 1879



ANTONIO DE SAMPAIO
Brigadeiro do Exército
Patrono da Infantaria
24. V. 1810 — 24. V. 1866

pela mata, 14 esquadrões de cavalaria, 22 batalhões de infantaria e 40 canhões, mas não conseguiram sobrepujar o heroísmo, o valôr guerreiro, a inabalável convicção do dever de nossos soldados, que representaram perfeitamente "papel identico ao do rochedo na linha da costa contra o qual se vão despedaçar impotentes as vagas de um mar revolto!"

SAMPAIO, ferido pela terceira vez, sangrando muito, é substituído pelo valoroso MACHADO BITTENCOURT, indo morrer ainda sob



JACINTO MACHADO BITTENCOURT
Brigadeiro do Exército
1806 — 4. VI. 1869

CHADO e tantos outros, desmanchando o sonho dourado do inimigo, fazendo tremular, bem alta, ao som dos tambores que rufavam e das cornetas que clancionavam, saudando mais uma vitória dos exércitos aliados, a invicta Bandeira do Brasil!!!!

Hoje, ao comemarmos o 82º aniversário de tão grandioso feito, de tão gloriosa página de nossa História, reverenciamos a memória dos heróis que tombaram, no sacrifício supremo do sangue e no holocausto das vidas, reafirmemos o nosso propósito de não trair e não deslustrar tão belo passado, pugnano pela grandeza do Brasil!

Ergamos nossos corações para exaltar e glorificar os heróis de Tuiuti, e de pé, almas em êxtase, olhos postos na gloriosa Bandeira Auri-verde-estrelada, acima dos tumultos e apreensões de ideologias (cujos nomes mencionar não devo para não empanar a homenagem humilde desta crônica), saudarmos, na recordação de tão sublime feito, o valôr e a firmeza de nossa raça impávida, desta valorosa mocidade que estará pronta a trocar a pá, a picareta, o livro e o pincel, pelo fuzil, pela lança, pela espada e pela baioneta, em cujas



GUILHERME XAVIER DE SOUZA
Marechal do Exército
3. VII. 1818 — 21. XII. 1870

Seriam 11 horas e 55 minutos quando um foguete de guerra subiu e estourou, como sinal convençionado de um grande ataque, feito de surpresa...

São as valorosas e aguerridas tropas do ditador paraguaio, Solano Lopes, que se afirmam ao ataque, confiantes e certas de uma vitória sobre os exércitos aliados!

É o começo da mais sangrenta batalha, é o início da maior batalha da America do Sul, pois que nela tomaram parte os exércitos de quatro Nações!

Resquin, Barrios, Diaz e Marcó, leais auxiliares de Lopes, tentaram cumprir as ordens de vencerem os exércitos aliados, mas esfacaram nos quadrados de aço da "Divisão-encouraçada" de SAMPAIO, foram detidos pela "Artilharia" de MALLETT, sofreram e recuaram sobre as cargas intrépidas do "Esquadrão de Tuiuti" do legendário farrroupilha SOUSA NETO!

Retrocederam porque OSÓRIO, o Centauro dos Pampas, a bravura personificada, surgia sempre, em toda parte em que a luta era mais renhida no seu fogo corcél de guerra, empunhando sempre a sua lança inseparável!

Os melhores generais de Lopes, conseguiram trazer às escondidas,

pontas aguçadas virão estacar os inimigos de nossa Pátria!

Relembrando Tuiuti e seus heróis, estejamos sempre alertas, prontos ao supremo sacrifício, para a eterna glória do Brasil!

Na marcha para o futuro, na salvaguarda da integridade de nosso Brasil, na manutenção do rico patrimônio histórico, esses Símbolos



FERNANDO MACHADO DE SOUZA

Coronel do Exército

11. I. 1822 — 6. XII. 1868

Nacionais — SAMPAIO, OSÓRIO, GUILHERME XAVIER, JACINTO MACHADO, FERNANDO MACHADO, e tantos outros — nos guiarão fazendo-nos sentir no pensamento e na alma, representando a síntese da própria vida, o único ideal no cumprimento de nossos deveres, porque nossos Maiores, como OSÓRIO, poderão proclamar: — “É fácil a missão de comandar homens livres! Basta apontar-lhes o caminho do dever!”

Esse o caminho que trilharemos, custe o que custar, queiram ou não os inimigos de nossa Nacionalidade!!!

Salve Heróis de Tuiuti!!! Vivas ao Brasil glorioso do Passado, convicto do Presente e esperançoso no Futuro!!!

Andrelino Natividade Costa

Defesa do Petróleo

Atendendo ao apêlo do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, ha pouco fundado no Rio, sob a Presidência de Honra do Snr. Dr. Arthur Bernardes e Presidência efetiva do Engenheiro Luiz Hildebrand B. Horta Barbosa, realizou-se, a 13 de Maio nos salões do Club Germania, conforme manifesto previamente lançado ao povo desta capital, a fundação da Secção Catarinense do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo pelo monopólio de Estado. A comissão encarregada da fundação da referida Secção, foi presidida pelo Dr. Alves Pedrosa, DD, Juiz de Menores nesta Capital, e secretariada pelo vereador e academico de direito Hamilton Ferreira. O dr. Alves Pedrosa, durante o decorrer dos trabalhos de instalação, fez um brilhante improviso salientando a importancia e finalidade do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Falou, em seguida, o vereador Hamilton Ferreira, explicando tambem os motivos e razões da fundação do Centro. Todos os dois oradores foram muitos aplaudidos. A assistência estava representada por todas as classes sociais, notando-se a presença de vários desembargadores, deputados estaduais, vereadores, comerciantes, estudantes etc. Após as palavras do orador Hamilton Ferreira, foi proposta pelo dr. Alves Pedrosa a eleição, por aclamação, da diretoria provisória, que

aceita unanimemente, ficou assim constituída:

Presidente de Honra: Desembargador Salvio de Sá Gonzaga.

Presidente: Dr. José de Patrocinio Gallóti.

Vice Presidentes: Dr. Alves Pedrosa, Deputado Saulo Ramos, Deputado Antônio Nunes Varela e Deputado Fernando Ferreira de Melo.

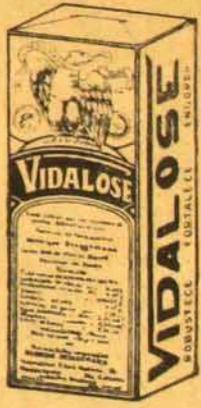
Secretário Geral: Vereador Hamilton Ferreira; 1º Secretário: Dr. Telmo Ribeiro; 2º Sec. Academico de Direito Fúlvio Vieira.

Tesoureiro: Engenheiro Renato Cardoso; 2º Tesoureiro: Professora Sílvia Carneiro da Cunha. Bibliotecária: srnita, Laurita Filomeno.

Comissões: Elaboração dos Estatutos: Desembargador Luna Freire, dr. Alves Pedrosa e José Gusmão de Andrade; Finanças Eng. Renato Cardoso, Wilson Schifler e Jauro Dêntice Linhares e comissão de Publicidade: Academico Rid Silva, Waldir Grisard e Gustavo Neves.

Depois de empossada a diretoria provisória, falou o dr. José Gallóti, DD, Juiz nesta Capital, agradecendo a sua eleição e convidando a todos a tomarem parte ativa na campanha de libertação do nosso Petróleo, tão ambicionado pelo truste internacional e do qual depende o futuro de nossa Pátria.

FRAQUEZA
ANEMIA
ABATIMENTO
MAGREZA
CONVALESCENÇA
FALTA de APETITE



**O
TÓNICO
IDEAL**

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concurrencia.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4

--- Telefone, 1375

As enchentes em Nova Trento

Prejuizos superiores a Cr 200.000



ROMANTISMO...

S B I S S A

Horas esquecidas ela se deleitou na leitura sublime da "Lua Crescente" de Tagore.

A sombra deliciosa formada por suas pestanas longas caía sobre suas faces rosadas. E seus olhos negros caminhavam de vagar pelas páginas maravilhosas do maravilhoso mago da poesia oriental.

Depois...

Ela com o livro ainda aberto entre os dedos fidalgos, levantou os olhos suavemente e olhou o poente rubro! E naquela atitude mística, como se fôra "Vocação" de Hernani de Irajá, ela viu o poente esmaecer...

Esmaecer...

Até que a chave mágica do céu acendeu milhares e milhares de lampadas mais ou menos cintilantes, clareando a escuridão que reinava no firmamento.

Murmurios vagos enchem a noite de inquietações amargas!

De onde em onde "Rex" uivava dolorosamente no fundo do jardim, e "as almas brancas dos lírios evocavam fantasmas de emoções mortas".

E ele não vinha!

A cidade, lá em baixo, se engalava com grinaldas luminosas. E ensaiava sua vida noturna, que habitualmente começava nos camarotes dos teatros luxuosos e terminava na vertigem do pano verde ou nas mesas de mármore rosa, entre os vapores ardentes da "champagne frappée".

Os minutos passavam num galope louco em sua frente, formando horas. E já o pendulo vetusto badalava dez vezes e ele nada de vir!... Nada de sua voz quente e masculina, amorosa e amiga! Nem o mais leve sussuro de amor, que para ela era uma emoção sempre nova, a bolir com as fibras emotivas de sua sensibilidade.

Num impeto desassombrado, transformando-se, enraivecendo-se, impeto de vagalhão que se lança contra a rocha de granito, ela jogou "Lua Crescente" contra um lindo vaso de "Sèvres" e saiu pisando forte.

Coava-se pelos ramos das arvores a luz merencorea da lua...

O jardim tinha atrações desconhecidas.

Murmurios vagos enchem a noite de inquietações amargas...

Ela resoluta, caminhava pelas alamedas, como que maquinando planos contra Marcio, que a deixara soturnamente só, dentro do abismo daquele silêncio, somente interrompido por vagos murmurios. E maquinando vinganças macias como veludo, ela foi sentar-se num recanto de carramanchão, onde vicejavam, em derredor, cravinas e jacintos perfumados.

Sobre seus cabelos de "platinum blonde" a claridade anêmica da lua vinha morrer, enquanto "Rex" se espanejava faceiro, festejando a visita de sua dona, aos domínios onde imperavam suas mandíbulas respeitáveis de cão fiel! E ela ficou a cismar coisas deliciosas e ferinas. Ele havia de pagar caro aquela longa espera. Havia de martizá-lo muito e muito. Ora, se havia! Ela, com seu "aplomb" invejável, iria se exibir novamente, numa "reentrée" ruidosa pelos salões dos clubes aristocráticos e aceitaria a corte de seus inúmeros admiradores d'antanho, como nos aureos tempos do "ROSE-CLUBE", onde fôra sempre a "grand-attraction" das "soirées d'or".

A cidade, lá em baixo, cintilava. E atraía os incautos para a suprema voragem de suas sensações noturnas.

Subito, ruídos de passos sutis aguçaram a curiosidade de LENITA. E ela, de repente, sentiu-se presa de dois possantes braços!

Tão tarde e ainda assustando a pobrezinha!

Onde teria andado MARCIO até aquela hora? Mas o fato é que ele ali estava a mirar os olhos dela! E era uma vez certos planos deliciosos maquinados por aquele cérebro de moça bonita.

A luz da lua cheia até então "merencorea e triste", tornou-se clara e profusa, como querendo iluminar aquela cena de arrebatamento amoroso de que foi teatro o carramanchão artistico, onde vicejavam cravinas e jacintos perfumados em derredor!

1924.

Promoções e nomeações, na C.E.F.S.C.

JOÃO GASPARINO SILVA

Por ato do Sr. Presidente da Caixa Econômica Federal de Santa Catarina, foi nomeado, no dia 4 de maio último Contador geral daquela autarquia, o nosso estimado conterrâneo, Sr. João Gasparino Silva, que há muito vinha exercendo o cargo de Sub-Contador. Funcionário zeloso e de reconhecida capacidade, sua nomeação foi recebida com geral agrado, razão pela qual, embora tardiamente, "Atualidades" cumprimenta-o com votos de felicidade.

OSMAR FRANCISCO DA COSTA

Na mesma data foi o nosso distinto conterrâneo Sr. Osmar Francisco da Costa nomeado Sub-Contador daquela Instituição. Ao recém-nomeado que desfruta de merecido prestígio junto aos seus colegas da Contadoria Geral da Caixa Econômica Federal, "Atualidades", envia sinceras felicitações.

EGÍDIO AMORIM

Em data de 8 de maio último, foi promovido, por merecimento, ao cargo de 1º Escrivão do Quadro de Funcionários da Caixa Econômica Federal, o nosso distinto amigo Sr. Egidio Amorim, chefe da Carteira de Consignações.

As felicitações recebidas pelo Sr. Egidio Amorim, "Atualidades" junta as suas, cumprimentando-o cordialmente.

OSMAR SILVA

Ainda em data de 8 de maio, foi o nosso prezado amigo e colaborador, Osmar Silva, promovido, por merecimento, ao cargo de 2º Escrivão do Quadro de Funcionários daquela Instituição.

Ao nosso estimado colaborador as efusivas felicitações de "Atualidades".

O ESTADO

"O Estado", o vibrante matutino político, órgão do P. S. D., que obedece à direção de Rubens de Arruda Ramos e é redatorado por Gustavo Neves, fez anos a 15 de maio findo.

Periódico dos mais antigos, que passou por diversas fases, sem, contudo, perder sua unidade e seu formato fundamental, o "Estado" liga-se a inúmeras e memoráveis campanhas, durante as quais se manteve sempre com galhardia num plano elevado.

A ele, o mais antigo diário catarinense, "Atualidades" cumprimenta afetosamente por mais esta etapa vencida.

ATE QUE SURJA A ALVORADA

Acaba de entrar para o prelo o novo livro de escritor e jornalista



Zedar Perfeito da Silva — ATE QUE SURJA A ALVORADA.

Esse nosso talentoso conterrâneo vem de contratar a impressão do romance com a conhecida editora do JORNAL DO COMERCIO, no Rio de Janeiro.

Editado na Capital Federal foi também o seu livro de estréia NEM TUDO ESTA PERDIDO... cuja edição se acha totalmente esgotada. NEM TUDO ESTA PERDIDO... foi recebido pela critica e pelo publico em geral sob a mais entusiástica e lisongeira acolhida. Os criticos prognosticaram para o autor grande sucesso literario. O Professor Joaquim Ribeiro fez longo estudo dessa obra e terminou dizendo que Zedar Perfeito da Silva era um presente literario de Santa Catarina ao Brasil e que ainda entraria em Atenas coroado de louros.

Não temos dúvida de que o escritor e jornalista conterrâneo confirmara os prognósticos da critica a respeito de seu romance ATE QUE SURJA A ALVORADA. Já ouvimos de quem leu os originaes da obra, pessoa autorizada, que se trata de trabalho muito interessante, quer pelo tema, quer pela originalidade da técnica empregada.

A julgar também pelos capitulos do livro já conhecidos, os trechos publicados nesta revista e os lidos pelo autor nos Centros Culturais de Itajaí e de Laguna e no Salão da Associação de Professores de Joinville, podemos adiantar que se trata realmente de um romance muito atraente e humano, de estilo fluente e natural, onde grandes teses são defendidas com profunda observação e conhecimento, como, por exemplo, a relativa à questão racial, que é encarada de modo corajoso e patriótico pelo autor, sob critério do jus soli.

NO MUNDO

O escritor e jornalista Zedar Perfeito da Silva, dado o seu talento e as suas qualidades de ficcionista, estamos certos de que se afirmará definitivamente como literato, após o aparecimento do romance ATE QUE SURJA A ALVORADA.

ATUALIDADES, registrando tão feliz evento para as letras conterrâneas, saúda o escritor e jornalista Zedar Perfeito da Silva e lhe deseja absoluto êxito com a publicação de seu novo livro.

CORREIO DO NORTE

Fez anos a 5 do mês passado o "Correio do Norte", órgão de imprensa que se publica em Canoinhas sendo seu diretor, o sr. Silvio A. Mayer e redator o sr. Guilherme Varela.

"Atualidades", pela magna data, envia felicitações.

EDIÇÕES ATLAS

SANTA CATARINA LIMITADA

Rua Felipe Schmidt, 52 — Florianópolis

(Uma Organização a Serviço da Cultura Nacional)

Representantes da "Editora ATLAS S/A., "e" IPE-Instituto Progresso Editorial S/A." de São Paulo

-
- Relação de obras recentemente entradas:
- | | |
|--|------------|
| Arthur Koestler, Ladrões nas trevas (o atualíssimo drama dos judeus na Palestina) | Cr\$ 45,00 |
| John Steinbeck, O Destino viaja de ônibus (lindo romance) | Cr\$ 40,00 |
| Paulo Duarte, Palmares pelo Avesso (um poderoso documento da revolução constitucionalista de São Paulo na épica primavera de 1932. Curiosa e discutida análise da vida d'um povo em marcha, 423 págs.) | Cr\$ 45,00 |
| Jean Paul Sartre, O Muro (a primeira obra existencialista lançada em lingua portuguesa. Homens e mulheres vivendo a aventura da vida na ousada interpretação de Sartre) | Cr\$ 35,00 |
| Niven Busch, Duelo ao Sol (um arrojado e vigoroso romance que está obtendo um êxito espetacular nos Estados Unidos, 272 págs.) .. | Cr\$ 40,00 |
| Luciano Zuccoli, Sublime Recordação (o autor, um dos mais fecundos romancistas italianos do século XX, mostra-nos com a riqueza do seu estilo, e pelo romantismo que inspira em sua obra, dois assuntos ligados ao seu caráter e sentimentos: o amor intenso como idílio e a participação das crianças no drama da vida) | Cr\$ 35,00 |
| Laura Z. Hobson, A Luz é para Todos (tit. do original inglês "Gentlemen's Agreement", um dos romances mais interessantes de nossas edições e o segundo best-seller 1947 nos EE. UU. Foi filmado e a película considerada a maior de 1947, — 261 págs.) | Cr\$ 35,00 |
| Benedetto Croce, Materialismo Histórico e Economia Marxista (o autor não necessita de apresentação, pois fulgura entre os maiores pensadores e filosofos contemporâneos. Quanto ao tema, é um dos maiores e sempre discutidos em todas as camadas sociais — 275 págs.) | Cr\$ 55,00 |
| Domingos Alaleona, História da Música desde a Antiguidade até nossos dias. Tradução ampliada e capitulos originaes sobre Música Contemporânea e a Música no Brasil (227 págs.) | Cr\$ 30,00 |
| M. K. Rawlings, Virtude Selvagem (o encantador best-seller norte-americano que criou o tecnicolor do mesmo nome. Uma história inesquecível pela sua naturalidade. Prêmio Pulitzer 1939 — 288 págs.) | Cr\$ 45,00 |
- Faça-nos hoje seu pedido pelo reembolso — Solicite catalogos.

DOS LIVROS

KOESTLER E A PALESTINA

Paulo Zingg

"ENTRE O AMOR E A HONRA", admirável romance de amor e de costumes parisienses, que encerra uma grande lição de moral em suas empolgantes páginas e que foi premiado pela Academia Francesa, é uma das mais indiscutíveis obras-primas do excelso Alphonse Daudet. Traduzido por Gamma e Silva, acaba de ser publicado na vitoriosa coleção "As Obras Eternas", da Editôra Vecchi, do Rio de Janeiro.

Muito em breve o leitor poderá saborear um dos livros mais sugestivos e cativantes do famoso romancista Aldous Huxley. Trata-se de "VINGANÇA PÉRFIDA", em tradução de Marina Guaspari.

Está sendo esperada com interesse a segunda edição de "OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO", talvez o mais original e discutido dentre os romances de André Gide, que recentemente obteve o Prêmio Nobel de Literatura. É de Miroel Silveira a tradução de "OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO".

"A CASA MALDITA" é a obra-prima n. 2 de Earl Derr Biggers, autor de "O Camelo Prêto" e criador de "Charlie Chan". "A Casa Maldita" (Seven Keys to Baldpate) é um delicioso, inebriante romance, em que o interesse, o mistério e o humorismo atinguem os cimos do superlativo... E este livro também não tardará em ser publicado.

De Pitigrilli, cuja recente conversão suscitou tantas discussões, acabou de publicar-se a sexta edição de seu romance "A VIRGEM DE 18 QUILATAS", e estão para ser publicadas de um momento para outro a quinta edição de "O CINTO DE CASTIDADE" e a quarta de "O COLAR DE AFRODITE".

"A CASA DE ROTHSCHILD", em que aparecem os grandes magnatas financistas dessa estirpe, que tanto influíram na marcha política e econômica do mundo, é um livro célebre, escrito por Egon Conte Corti e traduzido por Elias Davidovich. Figurará na coleção "Vidas Extraordinárias", da Editôra Vecchi.

A obra-prima de Rafael Sabatini, o romance intitulado "A FONTE

DA DESGRAÇA", em que o protagonista é Frederico o Grande, fundador efetivo do pangermanismo, e onde há lances de astúcia, de amor, de maquiavelismo, descritos pelo grande romancista a quem se chama hoje, na Inglaterra e no mundo inteiro, o "Alexandre Dumas moderno", está obtendo um êxito extraordinário em todo o Brasil.

Mais uma vez o cinema volta a pôr em voga o mais belo dos romances do exímio Maupassant: "BEL-AMI", A história do homem sem coração, que fazia da paixão que suscitava nas mulheres um pedestal para elevar-se socialmente, está sendo avidamente lida, na edição completa de "Os Maiores Êxitos da Têla", fiel e cuidadosamente traduzida por Alfredo Ferreira.

Outro grande sucesso de livraria: "ANTOLOGIA DA NOVA POESIA BRASILEIRA", em esmerada e completa recopilação, efetuada pelo grande poeta J. G. de Araújo Jorge.

"DE VOLTA À ILHA DO DIABO", o célebre e popularíssimo romance de Gaston Leroux, que tem por personagem central o forçado Chéri-Bibi, está no prelo e não tardará em ver a luz pública, traduzido por Alfredo Ferreira.

Vamos ler um divertido e famoso romance de Maurice Dekobra: "O AMOR, AS MULHERES... E UM FILÓSOFO".

"DUCHESS HOTSPUR", o famoso "best-seller" americano de Rosamond Marshall, alcançou um êxito sem precedentes na França, onde se publicou em livro e como folhetim do primeiro dos diários parisienses. Muito em breve este famoso romance, que já está traduzido em nossa língua, verá a luz publicado pela Editôra Vecchi.

"A CONDIÇÃO HUMANA", o magnífico romance de André Malraux, escrupulosamente traduzido por Livio de Almeida, obteve fervorosa acolhida no mundo leitor de nossa terra. Agora, todos aguardam com crescente interesse a próxima publicação de outro célebre romance de Malraux: "O TEMPO DO DESPREZO".

Arthur Koestler, que já alcançou renome universal com o "O Zero e o Infinito" e com "O Iogue e o Comissário", é dos mais profundos pensadores de nossa época.

Jornalista, escritor, revolucionário, Koestler viveu o drama de uma geração européia que acreditou numa transformação radical da sociedade e que assistiu ao desmoronamento do edifício que havia ajudado a construir. A sonhada conquista da justiça social e da emancipação dos trabalhadores, permanente aspiração humana, acabou sufocada dentro dos esquemas de acentuação do cunho germânico ou então diluiu-se no messianismo russo. A geração de Koestler acreditou um dia poder desprezar o socialismo ocidental e construir uma sociedade livre das fraquezas humanas. Enganou-se. O homem é o mesmo e a melhoria de sua condição é consequência de longo processo, que foi iniciado no ocidente europeu e que ainda não deitou raízes profundas no oriente. Isso explica o contínuo desajustamento da inteligência em face de duras realidades políticas e sociais e explica a posição de Koestler e de muitos escritores. E devia explicar também o desajustamento psicológico, social e político que está dividindo a Europa no momento.

Enfrentando, com qualidades de escritor e grande visão, esse grave problema da hora, Koestler sagrou-se como um dos intelectuais mais corajosos do nosso tempo. E também dos mais profundos.

Ladrões nas Trevas, que acaba de ser publicado em nosso idioma (Ed. IPÊ) é uma tentativa de Koestler para penetrar num dos maiores dramas de toda a história da humanidade, qual seja a odisséia do povo judeu à procura de uma pátria, de sua pátria, na sublime esperança de reconquista da Terra Prometida, no desejo de voltar aos campos semi-desertos da Judéia, da Galiléia e da Samaria.

Koestler apresenta o quadro do sionismo militante. A origem do terrorismo, o surto do famoso grupo Stern, pode ser encontrada em "Ladrões nas Trevas", e explicada de acordo com a psicologia dos judeus que se fixaram na Palestina, dos árabes que procuram evitar a absorção dos ingleses que querem manter as posições imperiais. Em termos mais modernos, já seria preciso falar em americanos e russos.

Koestler dá ao mundo uma contribuição que não pode ser dispensada aos que desejam compreender a tragédia que envolve os povos da Palestina.

A significação dos vocabulos tupy-guarany

HOMENAGEM

João Medeiros Ao beletrista
Blumenau Antenor Moraes

(Continuação)

Jacarandá — De y — acaratá, pau que tem o centro duro.

Jalapa — De yarapa — o que é para se colher. Raiz purgativa drástica.

Japecanga — de Yu — apecanga, junco de espinho (Smiles paranaensis). Planta com acentuadas propriedades da salsaparrilha.

Jaraguá. De yara — guá, ponta proeminente.

Jatahy — De ya-atá-i. Arvore de fruto duro.

Jurubeba — De yu-bebá, espinho chato. Planta usada para combater as moléstias do fígado.

Maracanã. De mbara — cá-nã. casca grossa e rija.

Maricá — De me-ri-caá, folha miuda.

Paina — De pái-ná, fruto entrançado.

Palma — Catinga — De caá-tinga, folha branca.

Paryparoba — De pery-iróba, junco todo amargo. Conhecida planta empregada nas moléstias do fígado.

Peqjã — De pé-quir-á. Casca tenra que abre.

Pyndahiba — De pindá-yba. Pau de anzol.

Piry — De pery, o junco.

Samanbaia — De çã-bamb-ai. Olho enrolado.

Sapé — De eça-pé — alumiar. Planta usada para fachos.

Tabôca — Da tabog. Haste furada.

Tajuba — Da tata-ybá. Fruto de fogo.

Taquara — De tâ-quara. Haste furada.

Taquarapoca — De tâ-quara-poca. Taquara que rebenta.

Tayóba — De tayá-oba. Tayá. Planta alimentícia.

Bacucú — Espécie de marisco.

Baiacú — De mbai-acú. Bicho quente. Conhecido peixe papaisca.

Biguaçú — De biguá-açú, biguá grande.

Caitetú — De tã-titú. Dente aguçado.

Cambacica — De cambi-cica, peito liso.

Cambira — De Cambi-pirá peixe machucado. Tainha seca.

Camondongo — De caá-mondó, caçar.

Canguá — De acang-goá, cabeça redonda. Peixinho do mar.

Canhanha — De cari-nhenhé, o cari roncador. Peixe do mar.

Caninana — De cani-nan, seco e riscado.

Capivara — De caá-pi-uara. Comedor de capim.

Cará — De acará, escamoso. Nome de um tubérculo alimenticio e de conhecido peixe de agua doce.

Timbauva — De timbai-yba. Arvore que dá água.

Tiririca — De tiriri-caá. Folha quebradiça.

(Continúa)



Grande amigo de Florianópolis, notadamente do Estreito, muito sentida foi a transferência de Frei Felisberto, para São Paulo, ha pouco tempo.

"Atualidades" que sempre contou com a amizade sincera de Frei Felisberto, rende-lhe, hoje, homenagem, estampando seu cliché, on-

de aparece em companhia de outro sacerdote, ao qual presta esclarecimentos, certamente a respeito de alguma de suas obras, tendo sido o instantaneo batido pelo nosso amigo sr. Herbert G. Molenda.

A Frei Felisberto, em seu novo círculo de atividades, os nossos votos de felicidades.

GOSTOSOS, COMO BOMBONS,



são os livros infantis oferecidos pela

LIVRARIA ROSA
Rua Deodoro, 33 — Florianópolis

A Cr\$ 3,00, cada um :

Dragão das Escamas de Aço, Anões da Floresta, A Raposa e

o Lobo, A Cabeça de Medusa, A Rainha das Abelhas, O Cãozinho Azul, O Mágico do Castelo das Nuvens, e seu o Cachorro; Eu sou o Trensinho, etc.

A Cr\$ 4,00, cada um :

Pinga Fogo, A Arvore que Falava, Minha Babá Na Fuma da Onça, Quando o Céu se Enche de Balões, Os Sinais Misteriosos, etc.

A Cr\$ 5,00, cada um :

Alice no País do Espelho, Ladrão de Bagdad, História d'uma Princesa «Macaca», O Gato de Botas, etc.

SIMPLES FELICIDADE...

POR

JÚLIA C. PEREIRA

Uma chavinha miúda tamborilava nas vidraças da janela onde Joãozinho se entretinha a esborrachar o narizinho arrebitado e a desenhar minhocas no embaciado dos vidros. O dia estava triste e amortalhado com as nuvens espessas que cobriam o firmamento, e o menino sentia-se envolvido pela melancolia do ambiente. Foi, pois, com grande satisfação que viu um homem de uniforme abrir o portãozinho de entrada e dirigir-se à casa, como se fosse um velho amigo da família. Os estranhos sempre batiam palmas de frente ao portão, e aquele homenzinho o abriu sem a menor cerimônia, batendo, em seguida à porta, levemente, com os nós dos dedos.

— Mãezinha, estão batendo à porta. Parece que é um carteiro novo, — disse o pequeno em voz alta para ser ouvido do quarto contíguo.

A moça, que bordava uma bonita toalha, não demorou a atender, ainda com o trabalho nas mãos.

— Oh! filhinho. Carta do pai-zinho! Já estava demorando a chegar, não é mesmo? Vamos ver onde êle anda por êste mundo afóra.

Como êco ás suas palavras, forte trovão ribombou pelo espaço, e quase ao mesmo tempo racharam-se os nimbo, deixando escapar de suas entranhas copiosa torrente de água.

Zilda, que na ânsia de notícias do marido, até se esquecera de agradecer ao portador, gritou-lhe, vendo-o afastar-se alguns metros:

— Entre, entre, senhor! Espere que passe essa carga d'água, senão ficará molhado que nem um pinto, e isso não lhe fará bem. Sente-se e espere um pouco.

O fiel mensageiro não se fez de rogado; e pedindo desculpas por entrar de sapatos enlameados, foi sentar-se numa das poltronas que compunham o vistoso mobiliário da sala de espera. No sofá, à sua frente, Zilda lia para o filho alguns trechos da carta.

— Mãezinha, papai já pôde dizer onde está seu navio? Se eu soubesse onde anda, fugiria um dia de casa e iria vê-lo. Êle deve saber que o Natal está perto, e precisa conversar com Papai Noël, não achas?

— Não interrompa, meu filho! Escute o que êle diz. E continuou a ler: "Querida, agora que a horrível guerra terminou, já posso dizer onde se encontra o nosso "destroyer". Estamos viajando pela costa dos Estados Unidos, e encontrarás meu endereço no verso desta folha. Talvez muito breve esteja contigo, pois esperamos partir para o Brasil por todo o mês que vem. Todavia, não quero que deixes de escrever, porque marinheiro nunca pode prever o que lhe acontecerá no dia seguinte e eu, embora comandante, não sou mais que um marujo, quando se fala em liberdade.

Zilda não pôde continuar a leitura; o primeiro bafo de alegria deixou-se sufocar pela tortura da desconfiança, misto de saudade, amor e ciúme, que volveram repentinamente, causando o desabafo um pranto de soluços nervosos.

— Não chore, mãezinha, não chore! Joãozinho fica muito triste quando te vê chorar. Papai diz que vai voltar o mês que vem... Então não estás contente?

Num olhar cheio de ternura a mulher acariciou o filho querido, — único consôlo de sua vida atribulada. Ah! se não fosse a criança, onde estaria âquelas horas? pensou. Talvez, desgraçada seria, rolando nos braços do mundo... Era linda, bem o sabia. E ha dois anos passados, quando o punhal de uma carta anônima a prostára em extrema melancolia, acordando em sua alma de esposa amante descontraídos sentimentos de ódio, desprêso e ciúme, aparecera Dr. Mário com a maldita proposta. Cresceu em seu espírito o prazer de vingança: ferir o culpado com a mesma espada que a cortou; seria o maior castigo que lhe poderia dar... E foi tecendo a teia planejada, consentindo que as visitas do médico se tornassem assíduas e prolongadas. Ah! Se não fosse o Joãozinho... Agora, passada a tormenta, calculava em pêso de ouro o valor de um filho. Já quase no abismo, um pé no lar, outro no precipício, quando a criança, quem sabe se por obra da providência divina, adoeceu com forte pneumonia. As noites de vigília e o desespero do coração materno fizeram-na refletir nas consequên-

cias de seu vergonhoso procedimento, e resolveu telegrafar ao marido, que por sorte ainda permanecia no Rio de Janeiro, enquanto reparavam a belonave. Obtida a licença, George veio imediatamente, atendendo ao chamado da esposa. Tudo então ficou esclarecido; a carta não passava de sortilégios de amigas invejosas e perversas.

Estas cenas decorreram como rápida visão, enquanto relia para si as últimas linhas da missiva, com lágrimas ainda a escorrerem-lhe pela face. — Que Deus o faça voltar bem depressa e com saúde! Foi a prece fervorosa que ergueu aos Céus, repondo no envelope o que acabara de ler.

— O senhor me desculpe. — disse, dirigindo-se ao carteiro. Não pude me conter, e provoqueei a cena que, segundo me parece, o comoveu bastante. Ha dez meses que não vejo meu marido, e as saudades fazem a gente triste. Acho que chorei de contentamento. Se Deus quizer, êle, voltará muito breve. Esta guerra terrível tem sido para mim um contínuo pesadelo. Chego a pensar que ainda não terminou de vez.

Observando que o moço não seguia dominar o efeito produzido pela correspondência que êle próprio trouxera, Zilda procurou desembaraçá-lo, e fez-lhe perguntas:

— Ora, o senhor por certo me perdoou, não? Deixe de tristezas, e vamos conversar um pouco, enquanto passa esta chuvarada.

— Nada tenho a lhe perdoar, não senhora! Mas... é que me fez reviver um drama, — o drama que marcou o fim de minha vida, no primeiro ano de casado, e ainda... o seu filhinho... tão parecido com o meu... mata-me de saudades...

— Então o senhor também é casado?

— Sim, mas o pior é que desse consórcio nasceu um filho, que era a maior riqueza para mim, a única esperança de minha velhice. Depois que a malvada abandonou o lar pelo dinheiro de um velho ricoço, no momento em que me restabelecia da enfermidade que me levou o emprego de caixeiro, passei a dedicar ao meu filhinho querido todos os momentos de

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

minha existência. Se não fosse por ele provavelmente estaria na Penitenciária; porque, na noite em que fui miseravelmente traído pela mulher que tanto amava, tinha pronto o revólver que seria a desgraça de todos. Ambos os traidores não escapariam à tormenta de ódio que me arrastaria ao crime, se não fosse aquela criança amada...

— Mas o senhor não deve chorar assim... Está se torturando, quando não é de todo infeliz; possui um filhinho que, como diz, é um verdadeiro encanto.

Com o rosto banhado em lágrimas, uma dôr infinda estampada nos olhos cansados, o carteiro então deixou escapar, num suspiro quase imperceptível saído à custo de seu peito dilacerado:

— Ele morreu ha três dias, minha senhora, na véspera do quinto aniversário. Ele, que era tudo para mim! Não, Deus não é bom, como dizem! Não teve piedade para um infeliz como eu! Tantas promessas, tantas súplicas, e Ele nada ouviu! Estraçalhou-me a alma, roubando-me o único consolo que possuía. Sim, minha senhora, eu sou um infeliz, o maior dos desgraçados!

Zilda sentia-se estrangulada pela comoção; contendo-se num grande esforço, enxugou as lágrimas que persistiam em marejar-lhe os lindos olhos, e tentou acalmar o desventurado:

— Deus sabe o que faz; e o senhor procede mal em blasfemar contra Ele. Se lhe tirou o filho é que tinha razão para isso; certamente por evitar-lhe maiores desganhos. O senhor seria mais desventurado se mais tarde, estragado de mimos, por ironia do destino seu filho se tornasse um bandido, ou um assassino, abandonando-o sem piedade. É penoso perder-se um filho, bem compreendo; mas antes perdê-lo na inocência, na certeza de sua glória celeste, que criá-lo para a desgraça dos outros. Fique certo de que o Onipotente deseja e procura a felicidade dos homens, e sabe bem o que faz quando lhes manda um infortúnio. Faça por esquecer. O senhor ainda é jovem e poderá encontrar um amor digno de seu, uma mulher que o entenda e o torne feliz. Quem sabe se já não existe esse alguém, não? — gracejou eia, afim de arrancar do simpático car-

teiro a profunda tristeza que lhe envolvia o semblante.

— Realmente, creio que a senhora tem razão, concordou ele, arrependido da blasfêmia e já meio resignado com a irreparável perda. — Ligia sempre me quiz, mesmo antes de meu casamento; depois que minha mulher abandonou a casa, tem se mostrado grande amiga, compartilhando sempre de minha desventura, e está inconsolável com a morte do menino, que amava como filho, desde que nasceu. É uma colega de repartição, moça de família muito distinta, porém despida de todos os requintes de vaidade que, em geral, tiram a graça natural das mocinhas de nossa sociedade.

— Ora, mas então tudo se arranja — exclamou Zilda, contente por conseguir encorajá-lo. Faça, então, o possível para dar-lhe o que merece, se, como diz, já lhe captou a simpatia e, mais ainda, a amizade firme e sincera que, geralmente, origina os mais perfeitos enlaces matrimoniais. Creio que o senhor também lhe quer muito, não é mesmo?

— Sim, na verdade, enterrei bem fundo meu primeiro romance e, se não fossem os preconceitos sociais, construiria novo lar, e embora não mais alcançasse a felicidade completa, viveria uma vida mais suave, sem o martirizante pensamento de ser um homem inútil ao mundo, segundo as leis da natureza.

— Não seja tão aferrado aos preconceitos sociais. A sociedade é instável no julgamento de seus súditos. Se condena hoje uma união escandalosa, aprova-a amanhã, quando um simples documento de contrato firma um concubinato por um certo tempo. Se é o que deseja, procure o desquite, e torne-se livre para a edificação de seu novo lar.

— Desculpe-me, senhora, mas não é bem como pensa. Só com muita dificuldade o pobre consegue o desquite e mesmo assim o desquite não é a separação desejada; é separação legal de corpos, e repartição de bens; e se nada possui, de que me valerá? Além disso, o casamento por contrato somente ilude a crosta da sociedade; no fundo não tem valor algum; é até imoral e desprezível. Esta frase resume as próprias palavras do pai de Ligia, quando, numa oca-

sião, falávamos a respeito de meu estado civil.

— De fato, é lamentável que assim seja, — continuou Zilda, meio contra-feita. O senhor ficará com o coração prêso, sem poder realizar um novo romance, a não ser que...

— Não, minha senhora! Ligia, que é um sonho de mulher, jamais me perdoaria se lhe fizesse outra proposta, a não ser a de casamento. Só nos resta uma solução, que está sendo esperada ansiosamente por milhares de brasileiros, gente infeliz, que sofre do mesmo mal, vítima da incompreensão de máus legisladores, falsos moralistas. Digo falsos, porque, se convencidos de suas atribuições, estudariam com maior interesse um problema, cuja solução marcará novo rumo à vida dos incontáveis desventurados, restos de lares destruídos, que reclamam substituição, para um futuro mais honesto, com menor número de infelizes.

— E o senhor espera que essa solução seja satisfatória?

— Oh! Espero, sim! Ainda alimento a esperança de ser mais ou menos feliz!... De todo não, — porque meu filhinho levou consigo o complemento de uma perfeita felicidade...

Levantando-se calmamente, olhou o tempo e dirigiu-se à dona da casa:

— Bem, a chuva passou; já é tempo de ir andando. Desculpe-me pelo incomodo, senhora.

— Não há de que. Desejo-lhe muitas felicidades, — retrucou Zilda, enquanto o acompanhava até a saída. E gritou-lhe, quando já passava o portão, em tom de gracejo:

— Faça questão que me visite em companhia de sua noiva dentro em breve. Vou unir minha prece às muitas que se fazem pelo divórcio, que o senhor defende com tanto fervor...

— Obrigado, senhora. Muito obrigado. Ele há de vir um dia...

E lá se foi, ladeira acima, com o maço de cartas debaixo do braço, em cumprimento de sua missão, sonhando com um novo lar, a felicidade, a simples felicidade que as leis lhe negam...

RELOJOARIA DIAMANTE AZUL

De OTÁVIO F. DA SILVA

Rua Trajano n. 19 (antigo prédio da Cia. Souza Cruz)

Bijouteria — Artigos finos para presentes — Anéis — Canetas

Parker — Tintas — Louças de Porcelana Mauá

POLAROID — O moderno óculo para o sol

Para suas compras, procure nossa Relojoaria, que atenderemos com a maior solicitude.

A' nossa gloriosa Marinha de Guerra...

(CONCLUSÃO)

Pedro Afonso, Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh e Imperial marinheiro Marcílio Dias.

Que fizeram aqueles três brasileiros; que feitos praticaram dignos e merecedores de tão honroso e nobilitante reconhecimento ? !

Naquela manhã de 11 de Junho de 1865, achando-se os navios de nossa divisão abrigados no ancoradouro do Riachuelo, e os seus tripulantes entregues à faina da faxina diária, eis que surge inopinadamente a esquadra paraguaia, ativa e provocadora, a qual descendo o rio, a tôda velocidade, passa arrogante pelos nossos navios, indo tomar posição logo abaixo, manobrando no sentido de envolver a nossa esquadra, abordá-la e aprisionar os nossos navios, o que faria ajudada pelas baterias da costa e tropas de infantaria, postadas por detrás dos barrancos das margens do rio, e chatas artilhadas, incumbidas de submeter a nossa frota a fragoroso bombardeio, por todos os lados, e embargar a sua fuga, o que jámais aconteceria, porque o marujo brasileiro não foge na hora do perigo.

Tal sucederia pela madrugada, mas um imprevisto retardou o assalto, o que somente se realizou às 9 horas da manhã ensolarada. O inimigo foi recebido como deveria acontecer... E momentos depois engajava-se, nas águas do Riachuelo, a mais formidável batalha naval daqueles tempos.

Conforme nos descreveu o inspirado vate pernambucano Vitoriano Palhares,

"A peleja rompeu como um incêndio.
Um dilúvio de fogo inunda o rio,
Que referve em cachão.

Transforma-se em catástrofe a coragem.
Surgiu de unhas de tigre o heroísmo;
Foi tudo combustão !

Rasgou-se o rio em horrída voragem
E sedentos travaram-se no abismo
A hiena e o leão !"

A peleja durou 9 horas, finda a qual viam-se completamente destróçados os navios que ainda restavam da frota inimiga, com exceção de três, que conseguiram fugir, acossados pelo fogo dos canhões dos nossos navios e atemorizados pela genial manobra do navio capitanea de nossa esquadra, a invencível fragata "Amazonas", que veloz, e semelhante a um enorme espadarte, enfrentava os navios inimigos, arrombando-lhes o costado, resultando daí o seu imediato afundamento.

Mas o inimigo era também valente e decidido; por isso a contenda foi porfiada; e não fosse o denodo, a calma e a habilidade de Barroso; a disciplina e a bravura leonina dos seus comandados, não seria tão rápida quão brilhante a vitória de nossas armas.

Era tamanha a ousadia, tão obstinado o destemor do inimigo, que êle conseguiu abordar um dos nossos navios: a corveta "Parnaíba", e jogar no seu convés uma centena de homens-féras, sedentos do sangue brasileiro, desenrolando-se então cenas dantescas, onde o valor e o heroísmo dos nossos patriócos teve demonstração a mais positiva e eloquente, a mais viva e impressionante.

Foi aí, nessa luta de ferocidade indescritível, que o Capitão Pedro Afonso, da gloriosa infantaria do Exército, o jovem guarda marinha Greenhalgh e o imperial marinheiro Marcílio Dias, já sagrado herói em Paisandú, onde fincára na torre da igreja, o vitorioso pavilhão nacional, — encontraram gloriosamente a morte.

Greenhalgh sucumbiu abraçado ao pavilhão nacional, defendendo-o das mãos profanadoras do inimigo; e Marcílio Dias manobrava o rodizio de que era chefe, com o qual castigava severamente o inimigo, quando foi assaltado por quatro paraguaios. Lutou como um leão enfurecido, abatendo dois. Os contendores deceparam-lhe o braço direito, mas êle continuou lutando com o esquerdo, sendo por fim, derribado à machadinha e mortalmente ferido.

Torrefação e moagem de café

"MIMI"

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

"Tome Café MIMI"

Exija-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Ferro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — "TELMO"

Caixa Postal 16

Fábrica : C A M B I R É L A, mun. de Palhóça

Felizmente, para nossa honra e ufania, o auri-verde pendão foi retomado ao inimigo, voltando a tremular no mastro de pôpa da "Parnaíba", entre os mais entusiásticos vivas ao Brasil.

A batalha naval de Riachuelo foi o acontecimento de maior influência para a nossa completa vitória na guerra do Paraguai, pois, "teve como imediata consequência estratégica, o predomínio, para os aliados, das águas do Paraná e do Paraguai", os quais passaram a ter, devidamente assegurado o abastecimento de suas tropas.

Barroso foi o gênio da vitória. Ao iniciar a peleja, exortou o patriotismo dos seus comandados, lembrando-lhes apenas, por meio de galhardetes hasteados no mastro do navio capitanea, que "o Brasil esperava cumprisse cada um o seu dever", e quando a luta se encontrava no auge, os incitou a um desfecho glorioso, assegurando-lhes: "sustentai o fogo que a vitória é nossa".

Pela sua tática admirável, investindo desasombrado com o ariete do seu navio contra os barcos paraguaios, afundando-os, Barroso tornou-se o fantasma atemorizador do inimigo, que não atinava com a ousadia daquele cometimento, providência engendrada pela fértil imaginação daquele chefe tão valente quanto impertubável, tão resoluto quanto imponente.

No dia de hoje, clarins harmonizam em surdina o toque de silêncio em homenagem aos gloriosos mortos de Riachuelo. São ouvidos também com profundo respeito, mas com um sorriso de satisfação estampado em todos os semblantes, os acordes sugestivos do Hino Nacional.

Brasileiros! Reverenciemos a memória augusta dos que sucumbiram em holocausto à Pátria e

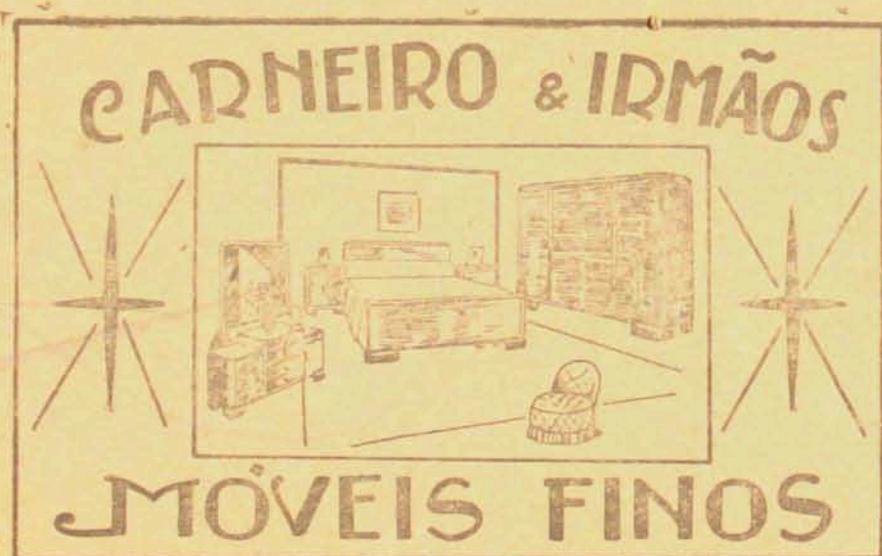
saudemos os que a estão honrando e engrandecendo.

A nossa gloriosa marinha de guerra acaba de prestar à Pátria e à civilização os maiores e os mais relevantes e abnegados serviços.

Patrulhou dias e noites, ao rigor das intempéries, os extensos mares do Brasil, onde o insidioso inimigo, covarde e sorrateiro, agindo como o chacal que ataca quando não pode ser visto nem percebido, afundou os nossos navios mercantes, afogando, metralhando e sepultando no fundo do oceano, velhos, mulheres e crianças, indefesos; e comboiou até águas estrangeiras, os navios que conduziam ao teatro da guerra os valorosos soldados de nossa força expedicionária.

Ela foi, durante os quatro anos de guerra, a sentinela avançada de nossa integridade e soberania, e contribuiu para a vitória da Democracia ou das nações unidas, com o sacrifício de centenas de vidas, — entretanto, quando se fala da contribuição do Brasil para a guerra que acaba de findar, muitos olvidam a nossa gloriosa Marinha de guerra, como se a sua contribuição não tivesse sido altamente valiosa e o seu sacrifício dos mais abnegados e dos mais ingentes.

Gloriosa marinha de Barroso e Tamandaré, o Brasil inteiro no dia de hoje, que é o teu dia maior, relembra orgulhoso o feito mais formidável, mais grandioso, mais eloquente do patriotismo dos teus bravos e dos teus heróis. Eles legaram à Pátria exemplos que serão sempre ensinamentos para todas as gerações, porque, admirando as ações nobilitantes dos nossos antepassados, é que experimentamos o maior e o mais justificado orgulho de sermos filhos desta grande e admirável Pátria, a mui querida e idolatrada Pátria Brasileira.



CARNEIRO & IRMÃOS

MÓVEIS FINOS

Rua Felipe
Schmidt, 33

Florianópolis

BIBLIO 100 P00 1. 1/80
 SE. OR SANTA CATARINA
 Clas.:
 Reg :
 Data:

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

ITAJAÍ — SANTA CATARINA

BALANCETE EM 31 DE MAIO DE 1948
 (Compreendendo matriz e agências)

A T I V O		P A S S I V O	
A — DISPONÍVEL		F — NAO EXIGÍVEL	
C A I X A		Capital	15.000.000,00
Em moeda corrente	23.108.042,00	Fundo de reserva legal	1.650.000,00
Em depósito no Banco do Brasil	5.772.610,50	Outras reservas	17.215.766,20
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito	3.523.747,40	33.945.766,20	
B — REALIZÁVEL		G — EXIGÍVEL	
Títulos e valores mobiliários:		DEPÓSITOS	
Apólices e Obrigações Federais:		à vista e a curto prazo	
Em depósito no Banco do Brasil S/A. A ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito, no valor total nominal de	3.200.645,10	de Autarquias	
Cr\$ 3.825.800,00	575.158,30	em c/c, sem limite	
Em carteira	174.534,00	em c/c, limitadas	
Apólices estaduais	57.000,00	em c/c, populares	
Apólices municipais	1.661.684,40	em c/c, sem juros	
Ações e debêntures	5.669.021,80	em c/c, de aviso	
Letras do Tesouro Nacional	3.080.000,00	a prazo	
Empréstimos em c/corrente	81.528.748,20	de Poderes Públicos	
Empréstimos hipotecários	563.953,40	de Autarquias	
Títulos descontados	172.740.030,30	de diversos:	
Agências no país	267.915.713,50	a prazo fixo	
Correspondentes no país	17.882.160,70	de aviso prévio	
Outros créditos	1.825.366,20	240.615.487,90	
Imóveis	2.481.352,30	OUTRAS RESPONSABILIDADES	
Outros valores	533.973,00	Obrigações diversas	
554.255.992,30	554.230.339,40	Agências no país	
C — IMOBILIZADO		Ordens de pagamento e outros créditos	
Edifícios de uso do Banco	9.249.668,40	Dividendos a pagar	
Móveis e utensílios	2.097.774,40	74.154,50	
Material de expediente	467.866,00	H — RESULTADOS PENDENTES	
Instalações	39,00	Contas de resultados	
D — RESULTADOS PENDENTES		12.813.591,00	
Juros e descontos	1.720.490,50	I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
Impostos	215.643,60	Depositantes em val. em gar. e em custódia	
Despesas gerais e outras contas	5.526.990,90	Depositantes de títulos em cobrança:	
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO		do País	
Valores em garantia	143.746.045,00	do Exterior	
Valores em custódia	224.562.040,30	298.813.463,80	
Títulos a receber de c/alheia	298.813.463,80	667.121.549,10	
1.273.247.761,20	1.273.247.761,20		

Itajai, 10 de Junho de 1948.
BONIFÁCIO SCHMITT
 OTTO RENAUX
 IRINEU BORNHAUSEN
 ANTONIO RAMOS
 Diretores

GENÉSIO MIRANDA LINS
 Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
 Diretor-gerente
DR. MÁRIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
 Diretores-Adjuntos

ERICO SCHEFFER
 chefe da Contabilidade Geral
 Dipl. Reg. na DEC n. 22.638 e CRC n. 0179
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
 sub-chefe da Contabilidade Geral
 Dipl. Reg. na DEC n. 17.391 e CRC n. 0181
 (1147)

Pães, doces, biscoitos, balas, caramelos nos Varejos

MORITZ

SOBERANA, Praça 15 — Tel. 1505 — TIRADENTES, 45 — Tel. 1225

— Conselheiro Mafra, 59 — Tel. 1180 —

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças,
doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do
homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—O—

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital
Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e
Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu
Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e
saúde pública pela Universidade do Rio de
Janeiro.

—O—

GABINETE DE RAIO X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doen-
ças internas — Coração — Pulmões — Viscula
Biliar — Estomago, etc. — Radiografias osseas
e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA

Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio
de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção
interna).

SONDAGEM DUODENAL

Exame químico e microscópico do suco duodenal
e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos
e eletricidade médica

LABORATÓRIO DE MICROSCOPIA E ANALISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico
do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Aschein Zondeck, para
diagnóstico precoce da gravidez). Exames de puz,
escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa
para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anéxo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos
Institutos de Montevideo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES
Curso de especialização em radioterapia, com os
Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de
Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a
potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo
Roentgenterapia profunda, semi-profunda e
superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM,
importados dos EE. UU. trazendo atestados de
eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo
Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

Casa de Saude e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clínica de

Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprasivel
chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e modernissimo para tratamento
médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X - Ultravioleta - Infravermelho - On-
das curtas - Eletricidade médica - Exames
endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de
diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria.
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.

— PREÇOS MÓDICOS —

O doente póde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANÓPOLIS

Telefone 1.153